

RelevO

abr/2019, n. 8, a.9 • Periódico literário
independente feito em Curitiba-PR
desde set/2010 • ISSN 2525-2704



Assine/Anuncie: O **RelevO** não aceita dinheiro público e se mantém com o apoio de assinantes e anunciantes. Você pode receber o jornal em casa e divulgar sua marca, projeto cultural ou seita de caráter duvidoso aqui mesmo! Saiba mais em jornalrelevo.com/assine e jornalrelevo.com/anuncie ou fale conosco no contato@jornalrelevo.com.

Publique: O **RelevO** recebe textos de todos os gêneros, de trechos de

romances sobre domos invisíveis a artigos de escritores que gostam, sobretudo, de si mesmos. O **RelevO** recebe ilustrações. O **RelevO** recebe fotografias. O **RelevO** aceita ensaios acadêmicos. Também cartuns, HQs, receitas, bulas, resenhas e ameaças. Saiba mais em jornalrelevo.com/publique ou pelo contato@jornalrelevo.com.

Newsletter: Bowie, assassinatos, Renascimento e animais pitorescos:

nossa newsletter se chama Enclave e vai muito além da literatura. Comprove e assine (de graça) em jornalrelevo.com/enclave.

As imagens desta edição são de autoria de Fabio Rocha. Você pode conferir mais do trabalho dele em www.instagram.com/fabr.r.

Editor: Daniel Zanella
Editor-assistente: Mateus Ribeirete
Ombudsman: Cezar Tridapalli
Revisão: Mateus Senna
Projeto gráfico: Marcell Mengarda
Infografia: Bolívar Escobar
Logística: Thaís Alessandra Tavares
Advogado: Bruno Meirinho
OAB/PR 48.641
Impressão: Gráfica Exceuni
Tiragem: 6.000

Edição finalizada em 30/03/2018

Abril/2019

Disso de dinheiro

Entradas:

Assinantes: R\$ 240 Alvaro Fonseca Duarte; R\$ 150 Editora Intermeios; Sérgio Pitaki; R\$ 100 Murilo Bluma; Jean Suti; Gabriel Thomas Baggio; Luiz Witiuk; Elizandra Cubas; R\$ 75 Charles Marlon; Lucas Leite; Felipe Araujo Gomes; Thomaz Ramalho; Giovani Cesconetto; Anônimo; Alessandro Rodrigues; Marcelo Piacecki; Magno Van Erven; Alisson Coelho; Tania Gayer; Patrícia Brito; Paula Zarth; R\$ 60 Vernaide Wanderley; Demétrios Galvão; Jaques Brand; Luiz Arthur Montes Ribeiro; R\$ 50 Susanne Werhs Panagoulas; Walmor Pereira; Ismael Alencar; Jorge de Souza Ezequiel Theodoro da Silva; Edival Perrini; Daniel Reis; Eduard Traste; Helena Carnieri; Clara Alves; Fernanda Miranda; Elciana Goedert; Renan Machado; Felipe Pauluk; George Ayres; Raquel Naveira; Biel Valente; Andréa Glória; Guilherme Custódio; Márcia Széliga; Evanilson Alves Feitosa; Marco Aurélio de Souza; Alisson Caetano; Esther Lya Guedes Livonius; Edson Godinho; Livraria Pontes; Rodrigo Sena; Sérgio Czajkowski Jr.; Emerson Castro; Suelen Giordani; Leonardo Migdaleski; Emmanuelle Rosa; André Volpato; Paulo Vitor Zonfrilli Betiati; Wacynom Tem na Biblioteca; Juliana Bumber; Pri Serbonchini; Lucas Kotovicz; Patrícia Hermann; Luiz Sassi; Guilherme Goto; Brenda Hernandez; R\$ 25 Marcus Serra; Andreia Araujo (Total: R\$ 4.405)

Anunciantes: R\$ 200 Moto Racer Café; R\$ 100 Penalux; Sérgio Pitaki; R\$ 50 Joaquim Livraria & Sebo; Estação Brasil; Banca Tatuí; Kikos Bar; TW Jonas; FISK (Total: R\$ 700)

Saídas:

Gráfica: R\$ 1.500
Correios: R\$ 2.105
Distribuição direta: R\$ 700
Material de escritório: R\$ 315
Taxas PayPal & BB: R\$ 100
Redes sociais: R\$ 50
Domínio mensal: R\$ 18
Edição-assistente: R\$ 100
Revisão: R\$ 70
Diagramação: R\$ 100
Empacotamento: R\$ 50
Capa: R\$ 50

Custos totais: R\$ 5.208
Receita total: R\$ 5.105

Balanco de março de 2019: - R\$ 103

Dos leitores

EDUCAÇÃO

Antonio Rodrigues Bom dia

EDITORIAL DE MARÇO

Ana Maria Pode até ser grão de areia, porém o **RelevO** é um daqueles grãos que incomodam os olhos, nos fazem questionar, pensar... Nada melhor numa época tão complexa para o pensamento humano do que um jornal que nos ajude a sobreviver ao caos. Obrigada!. Isso não foi um editorial, foi um murro na cara. Amei!

Dinovaldo Gilioli Dá-lhe. Divertindo venceremos ou, pelo menos, riremos. Continuem contando comigo em Floripa!

Cesar Augusto de Carvalho O jornal é um grão de areia que faz toda a diferença. Dá luz à obscuridade e, o que é melhor, com muita graça e diversão. Já falei pessoalmente, e repito aqui, a perseverança de vocês é invejável, coisa de herói. Vida longa ao **RelevO!** Forte abraço

Lucio Autran Parabéns pela resistência de um jornal essencial!

Greicy Bellin A recusa a compactuar com posições políticas de qualquer espécie é a verdadeira resistência. Força na peruca e vida longa ao **RelevO**.

Edson Ribeiro da Silva As escolhas do periódico são ideológicas sim. Mostram uma escolha de público: o que ainda não

percebeu que arte não é para enfeitar ou distrair, mas para gerar incômodo. Sem uma escolha que assuma a arte, não há motivo para uma publicação. Lembrem Afrânio Coutinho: ninguém escreve para a dona de casa de Taubaté.

EXPECTATIVA

Susanne Wehrs Pereira Panagoulas Mal posso esperar para sentir esse papel!

PUXADAS DE ORELHA

Ricardo Pozzo Gostei, camarada ombudsman, da sua puxada de orelha no **RelevO**. Mas gostei também da resposta do editor-chefe, apesar de ter sido tão rápida a resposta, que talvez ele possa ainda vir a refletir sobre um ou outro aspecto...

Jaques Brand Achei pesada a avaliação do Cezar Tridapalli na coluna de março, quase cruel. Mas ombudsman é pra essas coisas.

Alencar Santos Agora sim um ombudsman de verdade! Cansei dos agentes literários que o jornal chama pra fazer amizade com a equipe do jornal. Avante, Cezar!

Rafaela Raissa Comecei só agora a ler meu **RelevO** de fevereiro e fiquei ansiosíssima pelo ombudsman! Só vem, Cezar Tridapalli! Tira a gente da nossa zona de conforto, dá um tapa nessa nossa cara acomodada!

Munique Duarte Meninos, fiquei surpresa com as análises do ombudsman Cezar Tridapalli neste mês de março!

Andressa Cavalcanti Tiro, porrada e bomba esse novo ombudsman!

CAPA LISÉRGICA

Gustavo Bnvn Caramba, que arte daora!

Pedro Gabriel Linda capa!

Diana Joucovski ESSA CAPAAAAAAA ♥ tá top.

Neurivan Sousa Ficou show! Uma maravilha de arte. Parabéns!

PREMIÉRE

Andri Carvão Meu texto de estreia em jornal físico, "Os Paraísos de Aldous Huxley", saiu no **RelevO** de março, este periódico literário bacanêrrimo, onde você encontra, contos, poemas, charges, ensaios, crônicas, resenhas, reclamações, rasgações de seda e muito mais. Tudo isso por apenas 50 pilas por ano e você recebe as 12 edições anuais e mais um mimo.

POR AÍ

O Barba Camisetas Nem só de pão viverá o homem! Alimente sua alma e venha buscar o seu **RelevO** aqui em Campo Largo (PR)!

N&S Livraria RelevO disponível com distribuição gratuita em Rio Branco (AC). Passe em nossa loja e adquira já o seu. O jornal contém matérias sobre cultura e arte, com foco em literatura nacional. Vem direto de Curitiba, no Paraná.

ASSINANTES, WELL

Henrique Pitt Inda bem que a relação indissociável entre assinar o **RelevO** e mostrar o pinto, ocorrida na negociação com um tal de Fernando e mostrada em uma das centrais do jornal, não se verifica como regra...

Da redação: Logo vamos conversar sobre a renovação, Pitt.

Mari Cotildes E eu sempre reclamando do desemprego. Primeira coisa que farei com carteira assinada será assinar o jornal.

UÉ?

Paulo Ricck O site Allejo permanece fora do ar.

Da redação: É o primeiro site digital-conceitual do mundo!

Jão Cartum O **RelevO** foi quem me

achou nos inbox da vida (acho) e que grata surpresa! Jornal de literatura, independente, da República de Curitiba. Recomendo!

Camila Asato Mais uma edição do jornal em casa, desta vez com a ilustração do Kleverson Mariano como capa ♥! O deslucro de março foi de -R\$88. Sério, gente, jornal que trabalha com deslucro só continua porque tem convicção de que a cultura e a literatura fazem a diferença nesse país!

Editorial

Frágil, robusto ou antifrágil? Em qual dessas categorias mais se encaixa o **RelevO**?

Partindo dos conceitos atribuídos pelo líbano-americano Nassim Taleb – suficientes para este editorial –, as três categorias podem ser identificadas com base nas reações a impacto, desordem, caos etc., isto é, a adversidades em geral. Se as adversidades (de qualquer natureza) afetam negativamente um sistema (ou instituição ou indivíduo...), ele é frágil. Se não afetam, ele é robusto (resiliente). Se, por outro lado, este sistema cresce com as adversidades, ele é antifrágil.

Numa perspectiva mais ampla, um avião é frágil, mas a aviação é antifrágil: cada acidente de avião torna o campo mais seguro e preparado para o imprevisível. Exemplo recente: a cautela extra adotada em relação ao Boeing 737 Max 8 após uma nave deste modelo cair na Etiópia, além da própria atualização de *software* de varredura deste jato por parte da empresa. Da mesma forma, a aviação é antifrágil porque um acidente de avião não acarreta outro (isto é, a não ser que eles colidam entre si ou coisa parecida, cenário do qual não partimos). Muitas tecnologias foram desenvolvidas a partir de catástrofes.

Mas o **RelevO** não é nenhum Boeing. Sequer é um *software* e, existindo em papel, pode até mesmo ser a varredura. Pobre, indocumentado, desprovido de contratos seguros ou parcerias financeiramente prodigiosas: temos a sensação imediata de que estamos a tratar de uma instituição bastante frágil. Todo mês é um caos – interno – para que o próprio Jornal exista por mais um mês (de caos – interno), numa espécie de roda de hamster em que os Correios e a gráfica nos observam com especial desprezo.

Por outro lado, este caos interno se limita, em grande parte, às questões financeiras. Ainda temos problemas logísticos – hoje, o principal deles é ler

e responder tudo o que nos é enviado, dado que ninguém, nem mesmo o publisher, vive do **RelevO** –, mas ano após ano nossos vértices e arestas vão se arredondando. De bloco pesado, pouco a pouco nos transformamos em algo que, se não é uma esfera, ao menos rola.

Somos menos de meia dúzia, e fazemos um jornal de papel chegar em todos os estados do Brasil. Temos mais de trezentos pontos de distribuição fixos e mil assinantes. Sobrevivemos a crises que vão de recessão econômica ao *evidente fim dos impressos*. O mais impressionante: temos leitores que se *importam* conosco. Que se envolvem, sugerem, criticam. É o tal do engajamento, e nós não vamos atrás dele.

Seguindo o Efeito Lindy – outra ideia utilizada por Taleb –, quanto mais velho ficamos, maiores são as chances de ele continuar existindo. Isso significa apostar em ao menos mais dez anos de **RelevO**, o que, nas atuais condições de temperatura e pressão, entristece o idealizador do jornal.

Mantivemos essa resiliência pobres (portanto, com pouco a perder), indocumentados (portanto, livres de burocracia) e desprovidos de contratos ou parcerias prodigiosas (portanto, independentes em caso de uma grande desistência). Não o fizemos, ou melhor, não o fazemos por idealismo: se um fabricante de cigarro, a Boeing ou uma *startup* dessas intragáveis propuser um financiamento – contanto que não interfira no conteúdo –, nós o aceitaremos de consciência limpa, ou por falta de consciência. Aceitaríamos até dinheiro de... poetas!

Também seguimos nossas próprias regras: não bajulamos o autor, tampouco nos importamos com eventuais prêmios que ele carregue (regra geral: se ele precisou contar é porque o prêmio não interessa a ninguém). Nunca aceitamos qualquer verba estatal e não temos relação com nenhum governo ou político. Não representamos ninguém e, entre todas as nossas falhas, não serão encontradas tentativas de equivaler a assinatura do **RelevO** à salvação da literatura. Enfim, talvez sejamos robustos, mesmo sendo um curioso caso de instituição que consegue sobreviver apesar de todos os esforços para continuar menor, como se fôssemos um Benjamin Button – já tivemos edição com fonte 9!

Até porque, fazendo uma analogia cretina (pois claramente somos o lado *legal* dela), em quem você apostaria numa prova de resistência: no pobre indocumentado e desprovido de contratos seguros ou no *criativo* de classe média-alta formado em Jornalismo-Letras numa instituição federal? Qual dessas duas figuras hipotéticas (e patéticas?) está mais preparada para

viver e, conseqüentemente, para apanhar? (Pergunta não necessariamente relacionada: qual delas é a representação do escritor de país subdesenvolvido, essa criatura que quer exposição e reconhecimento, mas foge da crítica negativa como um gato doméstico corre do banho?)

O **RelevO**, um atacante brucutu recebendo a bola de costas para o gol, resiste bem aos carrinhos, desarmes e ofensas à mãe. Mas será que consegue gostar das pancadas, desenvolver o drible a partir das faltas sofridas e devolver as provocações? Talvez tenhamos defeitos de fábrica – o que nunca negamos, e que por incompetência não conseguimos esconder –; talvez nosso cinismo nos impeça de crescer e de nos tornarmos antifrágéis de fato; talvez mês que vem o jornal sequer exista; talvez resolvamos publicar classificados de carros em troca de um Voyage novo.

Mas somos menos frágeis que nosso papel. Ademais, e diante de tais condições atmosféricas, seguimos mês a mês, insistindo, incomodando, latejando em uma peculiar rotação, soltos como um meteorito (ou tontos como o último dinossauro).

Uma boa leitura a todos.

Nosso jornal nas bibliotecas comunitárias do Brasil

Pará	Espaço Cultural Nossa Biblioteca Biblioteca Comunitária Carolina Maria De Jesus Biblioteca Comunitária Rios De Letras Espaço Comunitário Literário Livro Encantado BomBomLer
Belém	
Ananindeua	Biblioteca Comunitária Moara
Maranhão	Biblioteca Comunitária Paulo Freire Biblioteca Comunitária Prazer em Ler Biblioteca Comunitária Arco Iris do Saber Biblioteca Comunitária Semente Literária Biblioteca Comunitária Mundo do Saber Biblioteca Comunitária Portal da Sabedoria Biblioteca Comunitária Josué Montello Biblioteca Comunitária Wilson Marques Biblioteca Comunitária Caminho do Conhecimento Biblioteca Comunitária Arthur Azevedo Biblioteca Comunitária da Residência 05 Biblioteca Comunitária Monteiro Lobato Biblioteca Comunitária O Fantástico Mundo Da Leitura Biblioteca Comunitária Viajando pela Alegria do Saber Biblioteca Comunitária Monteiro Lobato Biblioteca Comunitária Cora Coralina
São Luis	
Ceará	Biblioteca Comunitária Sorriso da Criança Biblioteca Comunitária Criança Feliz Biblioteca Comunitária Jardim Literário Biblioteca Comunitária CL Professor Leonidas Magalhães Biblioteca Comunitária Famílias Reunidas Biblioteca Comunitária Mundo Jovem Biblioteca Comunitária Papoco de Ideias Biblioteca Comunitária Casa Camba de Sabiaguaba Biblioteca Comunitária Plebeu - Gabinete de Leitura
Fortaleza	
S. C. de Amarante	Biblioteca Comunitária Literateca
Pernambuco	Biblioteca Popular do Coque Biblioteca Comunitária Amigos da Leitura Biblioteca Comunitária Educ Guri Biblioteca do Cepoma
Recife	
Jaboatão dos Guararapes	Biblioteca Comunitária do Peró
Olinda	Biblioteca Multicultural Nascedouro Biblioteca Comunitária Lar Meimei
Bahia	
Salvador	Biblioteca Comunitária Clementina de Jesus Biblioteca Comunitária do Calabar Biblioteca Comunitária Condor Literário Biblioteca Comunitária de Italo Biblioteca Comunitária Novo Amanhecer Biblioteca Comunitária Padre Afonso Pacciani Biblioteca Comunitária Padre Luis Campinotti Biblioteca Parque São Bartolomeu Biblioteca Comunitária Paulo Freire Biblioteca Comunitária Sandra Martini Biblioteca Comunitária São José de Calazans Biblioteca Comunitária Sete de Abril Biblioteca Comunitária Tia Jana Biblioteca e Infocentro Maria Rita Almeida de Andrade
Minas Gerais	
Belo Horizonte	Biblioteca Comunitária Livro Aberto Biblioteca Comunitária Professor Arlindo Correa da Silva Biblioteca Comunitária Cantinho dos Sonhos Biblioteca Comunitária Salão do Encontro
Betim	
Sta. Luzia	Biblioteca Comunitária Corrente do Bem
Sabará	Borrachaloteca
Rio de Janeiro	Biblioteca Comunitária Wagner Vinício Biblioteca Comunitária do Cerro Corá Biblioteca Comunitária Palavras Compartilhadas Biblioteca Comunitária Atelier das Palavras Biblioteca Comunitária Carolina Maria de Jesus Biblioteca Comunitária Jurema Gomes Baptista Biblioteca Comunitária Elias José Biblioteca Comunitária Walter de Araújo
Rio de Janeiro	
Duque de Caxias	Biblioteca Comunitária Josimar Coelho da Silva Biblioteca Comunitária MANN'S Espaço Literário Balaio de Leitura Varanda Literária Maria de Lourdes Miranda Biblioteca Comunitária Vila Aracy
Nova Iguaçu	Biblioteca Comunitária Paulo Freire Biblioteca Comunitária Thalita Rebouças Biblioteca Comunitária Olhar Cultural Biblioteca Comunitária Prof Judith Lacaz Biblioteca Comunitária Mágica Biblioteca Comunitária Ziraldo Biblioteca Comunitária Zuenir Ventura Biblioteca Comunitária Três Marias Biblioteca Comunitária J. Rodrigues
Paraty	Bib. Com. Centro de Educação Integral Cairucu Laranjeiras Bib. Com. Centro de Educação Integral Cairucu Patrimônio Bib. Com. Centro de Educação Integral Cairucu Ponta Negra Biblioteca Comunitária Casa Azul Biblioteca Comunitária Colibri Biblioteca Comunitária Itema Biblioteca Comunitária Regina Célia Gama de Miranda
São Paulo	Biblioteca Comunitária Caminhos da Leitura Biblioteca Comunitária Cultura no Quintal Biblioteca Comunitária Solano Trindade Biblioteca Comunitária Ademir dos Santos Biblioteca Comunitária Djeanne Firmino Bib. Com. EJAAC - Espaço Jovem Alexandre Araujo Chaves Biblioteca Comunitária de Heliópolis
São Paulo	
Guarulhos	Biblioteca Comunitária Picadeiro da Leitura
Mauá	Biblioteca Comunitária Mundo dos Livros Biblioteca Comunitária do CCDL
Rio Grande do Sul	Biblioteca Comunitária Girassol Biblioteca Comunitária Aninha Peixoto Biblioteca Comunitária do Arquipélago Biblioteca Comunitária do Arvoredo Biblioteca Comunitária Cepimoteca Biblioteca Comunitária Chocolateão Biblioteca Comunitária Cirandar Biblioteca Comunitária Visão Periférica Espaço Multicultural Livros sobre Trilhos Biblioteca Comunitária do Cristal
Porto Alegre	
Dist. Federal	Biblioteca Escolar e Comunitária da EOS 108/308
Brasília	

QUER DISTRIBUIR O RELEVO?
ESCREVA PARA CONTATO@JORNALRELEVO.COM

Onde posso encontrar um Jornal ReleVO para esboçar um sorriso enquanto leio?

ACRE

Rio Branco Livraria N&S / Livraria Paim

ALAGOAS

Maceió Casa de Cultura Luso-Brasileira

AMAZONAS

Manaus

Kalena Café

O Alienigena Acervo e Espaço Cultural

BAHIA

Salvador

Livraria Boto-Cor-de-Rosa / Midialouca / Livraria e Distribuidora Multicampi / Livraria LDM (Brotas, Glauber Rocha e Shopping Paseo Itaipava)

Lauro de Freitas

Livraria Dom Casmurro

Vitória da Conquista

Livraria LDM

CEARÁ

Fortaleza Livraria Lamarca / Sebo Elenia / Livraria Arte & Ciência

DISTRITO FEDERAL

Brasília

Banca da Conceição / Livraria, Café e Bistrô Sebnho

Ernesto Cafés Especiais / Rapport Cafés Especiais e Bistrô / Quântocafé / Martinica Café / Vicalli

Caixa Cultural / ONG Moradia e Cidadania / Instituto LGBT

Cellândia

Jovem de Expressão

ESPÍRITO SANTO

Vitória

Torre de Papel / Dom Quixote Livraria

Dores do Rio Preto

A Cafeteria

Guarapari

Banca da Lua

São Mateus

Livraria Sebo & Arte

GOIÁS

Goiania

Evôê Café Com Livros / Livraria Palavrear / Livraria Leodegária

Café Carino

Anápolis

Café S/A

MARANHÃO

São Luis Livraria Poeme-se / Sebo Arterio

MATO GROSSO

Cuiabá

Bazar do Livro Matriz

Metade Cheio

MATO GROSSO DO SUL

Campo Grande Livraria Le Parole

MINAS GERAIS

Belo Horizonte

Armazém do Livro / Livraria Dona Clara / Livraria da Rua / Sebo Ubuntu

Café do Palácio / Café 104

Espaço Guaja

Itajubá

Lume Livraria / Sebo Bis

Pouso Alegre

Sebo São Darwin

PARÁ

Belém

Fox Livraria, Café, Papelaria e Locadora de Vídeos / Sebo do Gueto

Santarém

BPP Sebo & Locadora

PARAÍBA

João Pessoa

A Budega Arte Café

Viveiro Pirata / Quintal Armorial / Centro Cultural Espaço Mundo / Usina Cultural Energisa / Centro Cultural Ariano Suassuna

Cajazeiras

Livraria Universitária CZ

PARANÁ

Curitiba

Agendarte Livros / Sebo Releituras / Itban Comic Shop / Joaquim Livros & Discos / Livraria Arte & Letra / Le Mundi Café Terapêutico e Livroteca / Livraria do Chaim / Sebo Arcádia / Sebo Santos / Livraria Barbante / Livraria Vertov

Supernova Coffee Roasters / Rause Café / Café Mitre / Café Lisboa / Café do Viajante / Chelsea Café / Café do MON / Magnolia Café / Panificadora Quintessância / Provence Boulangerie / Botanique Café Bar Plantas / Brooklyn Café / Café Avenida / Café Tiramisú / Espresso Café / Café do Mercado / Café do Teatro / Kaveh Kanes / Fingen Café / Moto Racer Café

O Torto Bar / Tuboteca / Freguesia do Livro / Centro Europeu / Baba Salim / Kikos Bar / Biblioteca do Paço / Biblioteca Pública do Paraná / Selvática Ações Artísticas

Araucária

Banca da Aracy

Duetto Café

Casa Eiseu Voronkoff / FISK

Campo Largo

Barba Camisetas / Inspirarte

Guarapuava

Gato Preto Discos e Livros / A Página Livraria

Lapa

Livraria & Papelaria Nanise

Panificadora Zeni

Londrina

Livraria da Silvia / Nosso Sebo

Coletivo Versa

Mariná

Café Literário

Piraquara

Livrarias Nobre Cultura

Ponta Grossa

Verbo Livraria / Sebo Espaço Cultural I e II

Hostel Paraná / Phono Pub / Frederico Gervejas & Cervejas

São José dos Pinhais

Sebo da Visconde

PERNAMBUCO

Recife

Livraria Praça de Casa Forte / Livraria Idéia Fixa

Clandestino Café / Borsoi Café Clube - PINA / Borsoi Café Clube - CALIFORNIA / A Vida É Bela Café / Malakoff Café / Brigadeiro Café

Garanhuns

Livraria Casa Café

Olinda

Sebo Casa Azul

Salgueiro

Capabella Sebo

PIAUI

Teresina Café da Gota Serena / Café Art Bar

RIO DE JANEIRO

Belle Époque Discos e Livros / Livraria Leonardo da Vinci / Blocks Livraria / Livraria Argumento Leblon / Livraria Argumento Rio Design Barra / Livraria Beco das Letras / Artequim / Letra Viva Filial / Livraria Benjeteia / Livraria e Edições Folha Seca

Café Pingado

Espaço Saracura / Cine Jóia

Cabo Frio

Sebo do Lanati

Nova Friburgo

Sabor de Leitura

Livraria de Paraty

Teatro Espaço / Casa da Cultura de Paraty

Petrópolis

Livraria e Bistrô de Itaipava

Seropédica

Canto Geral Livros e Discos

Três Rios

Livraria Favorita

RIO GRANDE DO NORTE

Natal

Sebo Café

Resebo

Praia da Pipa

Book Shop

RIO GRANDE DO SUL

Porto Alegre

Cirkula / Livraria Bamboletras / Livraria Baleia / Livraria Raízes / Livraria Taverna / Traça Livraria

Café Cartum

Galeria Hipotética

Bento Gonçalves

Dom Quixote Livraria & Cafeteria

Canela

Empório Canela

Caxias do Sul

Do Arco da Velha Livraria & Café

Dulce Amore Café & Algo Mais

Frederico Westphalen

Vitrola

Santa Maria

Athena Livraria (Floriano e Praça Nova) / Anatterra Livros

São Francisco de Paula

Miragem Livraria

SANTA CATARINA

Florianópolis

Sebo Ilha das Letras / Livraria Livros & Livros

Café Cultura Lagoa da Conceição

Tralharía

Balneário Camboriú

Santo Livro Livraria e Bookstore

Blumenau

Livraria BluLivro

Brusque

Livraria Saber

Caçador

Livraria Selva

Joinville

Barba Ruiva Livros & Discos

Casa 97

Mafra

Restaurante Amora Sustentável

Morro da Fumaça

Livraria Beco Diagonal

São Bento do Sul

Dom Quixote Livros

São José

Sebo Ilha das Letras

Tubarão

Libretto Livraria

SÃO PAULO

São Paulo

Comix Book Shop / Intermeios Casa de Arte e Livros / Livraria Zaccara / UGRA PRESS / Blocks Livraria / Banca Curva / Desculpe A Poeira / Patuscada Bar / Livraria NoveSete / Banca Tatui

Casa Guilherme de Almeida / Teatro do Centro da Terra / Malitza Cultural / Estúdio Lâmina / Tapera Taperá / Casa do Povo / Casa das Rosas / Instituto Moreira Salles / Escrevedeira

Araçatuba

Sebo Dom Quixote

Araraquara

Casa da Cultura / Palacete das Rosas

Botucatu

Sebo Alfarrábio

Campinas

Livraria Pontes

TORTA - Espaço para um Dedo de Prosa

Campos do Jordão

Livraria Jaguaribe

Franca

Sebo Almanaque

Confaria Cult / IPRA

Guarulhos

Livraria Guarulhos

Mogi Mirim

Banca do Sardinha

Piracicaba

Sebo do Formiga

Ribeirão Preto

Livraria Travessa Ribeirão

Santo André

Gambalua Espaço de Artes e Convivência

Taubaté

Sebo Estação Cultural

SERGIPE

Araçaju Livraria Escariz

Locais Relevantes

Gato Preto

facebook.com/gatopretodiscos/

Troquem minha assinatura para Palhaço Tico-Tico

OMBUDSMAN – Cezar Tridapalli

Da edição de fevereiro para a de março deste **RelevO**, observei uma melhora sensível em dois aspectos: o da diagramação e o da qualidade da impressão do jornal. Dos latifúndios de espaço branco, feitos de terra improdutivo e opressiva, por mim referidos na edição passada, agora vejo uma distribuição mais racional, mais lógica. Os espaços em branco estão lá, mas de fato como respiro, um *mindfulness* no meio da densidade de muitos textos. Textos, espaço publicitário e espaço em branco agora parecem fazer parte da mesma festa, o que já dá, de cara, uma costura à edição. A qualidade de impressão dispensou a lupa que eu sugeri em fevereiro.

Entendo que a função do ombudsman não seja a do cliente chato que acredita ter o direito de ver o produto consumido tomando a todo o custo a forma de seus gostos pessoais. A editoria pode ler, incomodar-se, ignorar, promover ou não mudanças. E, pelo jeito, rir também do que o crítico convidado para lhe encher a paciência percebeu como defeitos, sejam eles objetivos ou subjetivos, passíveis de discussão. Se na edição passada critiquei o vale-tudo de textos e imagens aceitos pelo jornal (disse que se vale tudo a crítica não vale nada), agora fiquei um pouco “meme John Travolta” (olá, Mateus Senna!) com o editorial que assume reiteradamente que ao **RelevO** interessa rir. Embora rir e se divertir (o editorial também fala em diversão) tenham ligação íntima, não significam

a mesma coisa. Di-versão tem função nobre, podemos dizer até subversiva – e a literatura é subversiva – porque está preocupada em cindir a versão monolítica, em quebrar a expectativa apresentando versões diferentes da esperada. Isso é fugir dos clichês. O clichê, a frase feita, o lugar comum, tudo isso apresenta a versão previsível que a diversão deve quebrar, di-vergir, subverter (fazer verter uma versão nova, portanto). Nesse sentido, dizer que “somos até um pouco caóticos”, como o editorial de março afirma, é ótima notícia, desde que se entenda o caos como uma outra ordem possível, que justamente diverge da ordem imperante. Isso é sim diversão. Outra coisa é juntar textos aleatórios e salpicá-los a esmo nas páginas, não propondo ordem alguma, como percebi na edição de fevereiro.

Mas “rir de tudo, rir de todos” já carrega outros sentidos. Graças às preposições, é diferente rir de alguém e rir para alguém ou rir com alguém. Rir para alguém e rir com alguém trazem um convite embutido no sorriso, tipo embarque com a gente nessa risada, no nosso desconcerto do mundo. Rir de alguém é escárnio presente nas piores comédias. Repito: se vale tudo, a crítica não vale nada. Da mesma forma, se é para rir de tudo, para que serve a crítica, por exemplo, de um ombudsman? Troquem minha assinatura para “Palhaço Tico-Tico”.

Como disse lá em cima, há críticas objetivas (o objeto **RelevO** estava mal impresso em fevereiro) e subjetivas

(a disposição, sequência e critérios de seleção de textos). É de se prever, portanto, que haja leitores elogiando justamente o que critiquei (“Gostei principalmente das poesias ‘soltas’ ao longo do periódico”, diz Marcus Serra, que também diz que o jornal “cria uma identidade”). Se o Umberto Eco afirma, em *Seis passeios pelos bosques da ficção*, que o texto literário é uma máquina preguiçosa e é bom que seja assim, já que o leitor não recebe tudo escrito e interpretado – pois é obrigado a preencher lacunas com o seu universo pessoal –, talvez o **RelevO** aposte nisso, conscientemente ou não: vamos colocar uns retalhos e o leitor que venha com agulha e linha costurando seu modo de entender e dar unidade ao jornal. Há quem possa pensar que um jornal não precise de unidade, mas, ora, por que reunir tudo em um jornal então? Basta uma navegadinha pelo Google para descobrir toneladas de textos ensaísticos, poéticos, narrativos, de autores sem apresentação, já com publicidade e tudo.

Outra aposta do jornal é essa de não apresentar os escritores. Em épocas de despersonalização (eu havia falado da desterritorialização na edição passada, pois não sabemos de onde os leitores e autores falam), entendo a opção do jornal, mas levanto este questionamento. Talvez o jornal queira nos fazer pensar a partir do texto e só do texto, ou seja, do que o texto tem a me dizer, não importando se eu sei que o Pepetela é já escritor consagrado e o seu vizinho de página talvez não seja. Essa ausência

de informação pode nos deixar mais livres para escolher os textos que nos tocam mais, desobrigando-nos de um respeito pela autoridade do nome. É decisão legítima, claro, mas então por que a seção “publique” do site pede para que o autor “informe sua cidade e alguma referência pessoal para que eventuais leitores o localizem”?

Quase a totalidade de cartas dos leitores é feita de elogios, muitos apaixonados. Fico feliz, mas como minha função é encontrar brechas, feridinhas para meter o dedo, destaco e amplifico duas cartas que apontam problemas: a primeira vem do Felipe Gomes, que, gentil, fala de um troca de letra em seu poema, publicado em fevereiro, e que gerou mudança de sentido. O original dizia: “No fundo / gosto / do que me faz mau” e acabou “corrigido” e publicado assim: “No fundo / gosto / do que me faz mal”. Certamente essa diferença modificou sensivelmente a continuidade semântica do poema (“Aquilo que machuca / endurece / meu pau”). Sem exagero, pode-se dizer que outro poema nasceu aí, à revelia das intenções do autor. A resposta a esse deslize (que, claro, acontece), culpando a “ortografia padrão reacionária”, é desprovida de sentido, ainda que quisesse fazer rir. A troca em nada tem a ver com ortografia padrão.

Outra carta, de Joaquim Bispo, reclama da falta de resposta do jornal aos autores que submetem trabalhos para avaliação. Autores mandam textos, não recebem retornos nem de que o texto chegou, ainda menos sobre o aceite ou não para publicação. A resposta do jornal, entre outras explicações: “Por questões de saúde, também não temos qualquer condição de acusar recebimento”. Ora, o próprio Gmail já sugere uma resposta padrão do tipo “ok, recebido”. A não ser que sejam milhões de textos enviados, acusar o recebimento de, vamos chutar, duzentos textos levaria menos de dez minutos. É um problema inclusive das grandes editoras, muitas delas recebem originais e nunca mais dizem nada. Outra possibilidade é ter um texto pronto para, no melhor modo “copia e cola”, avisar que o texto foi recebido e se não houver resposta em até, digamos, 60 dias, o texto está automaticamente descartado. Isso evitaria a espera de Telêmaco, que olha para o mar todos os dias aguardando o pai, Ulisses, voltar da guerra.

livros | vinis



Joaquim Livraria & Sebo

R. Alfredo Bufren, 51
Centro Curitiba-PR

info@joaquimlivraria.com.br fb.com/joaquimlivraria



FISK

CENTRO DE ENSINO

3642-3690

3031-7040

R. JOÃO PESSOA, 35 - ARAUCÁRIA/PR

Veredas Textuais
Revisão e Formatação
de
Textos em Geral

Revisão (Artigos, Livros, Trabalhos Acadêmicos & Textos em Geral)
Formatação (ABNT, Harvard, APA, Vancouver & outras)

veredastextuais@gmail.com
Celular: (11) 95074-6438 / (11) 98140-4218
Contato: Vivian

Natasha Tinet

A paz dos tigres siberianos

baby, camomila é placebo.
mexa esse açúcar, chore seus medos.

pense nos tigres siberianos
em sua elegância ociosa
na profundidade de seus passos de gelo
sinta o hálito quente do seu bocejo
se entregando às nuvens negras do sono
abraçados, vocês flutuam contra a neve
são mais leves que os segundos.

tigres têm o olhar distante
um amanhã que não pode ser revelado
não há nada de novo dentro dessa xícara
beba a madrugada e esqueça
nem sempre o amanhecer traz respostas
até uma esfinge precisa dormir.

Poema integrante de *Veludo Violento* (Imprensa Oficial
Graciliano Ramos, 2018)

A rainha-cadáver do mundo ibérico

MAIDAN – Ben-Hur Demeneck

Tudo aconteceu de verdade. E como “só” acontecer no mundo ibérico, a ficção perde de longe para os estratagemas da realidade. No século 14, o cadáver de Inês de Castro foi coroado como rainha de Portugal após um rocambolesco caso de amor com o oitavo rei luso, chamado Pedro.

A hora estava passada, a oportunidade perdida, o reconhecimento não viera em vida — tudo tão ibérico quanto o Galo de Barcelos e o apreço por diminutivos. “Agora, Inês é morta” — eternizaria o dito popular, somado aos versos de Camões, a recitativos de teatro, a pinturas, entre tantas criações culturais, até chegarmos à parceria entre a historiadora Libânia Molina de Souza e o quadrinista Marcatti para contar a história de “Inês e Pedro”.

Enquanto ainda desenha sua esperada adaptação de *Os Miseráveis* (Victor Hugo) para a Companhia das Letras, Marcatti deu uma escapadela do início dos Oitocentos francês para os Trezentos lusos. O resultado deve sair de até o final do ano, de modo independente, a partir de uma campanha de financiamento coletivo. Sem deixar de ocupar seu centralidade na HQ underground, Marcatti vem construindo uma robusta produção de quadrinhos “de época”. Confira este conteúdo em primeiríssima mão, exclusivo para o **RelevO**.

Como foi a sua formação como leitor?

Durante a infância, estudei em uma escola de padres muito rígida e extremamente conservadora. Dá para



você ter uma ideia dos livros que eles indicavam. Mas eu tenho a sorte de minha irmã mais velha gostar muito de ler e de ela possuir uma bela pilha de livros muito mais interessantes. Foi pela Terezinha que, aos treze anos, eu já lia Hermann Hesse, Jean-Paul Sartre e Henry Miller. Com os quadrinhos, a paixão veio com *Asterix*, revistas *Mad* e, à medida que fui crescendo, com o underground americano. Vi surgir a revista *Balão* [publicação dos anos 1970, que revelou cartunistas como Laerte, Luiz Gê e os irmãos Caruso] e, por consequência, o nascimento da produção independente de HQs no Brasil.

Como se deu a aproximação entre você e a historiadora Libânia Molina de Souza para contar em HQ uma história com uns

650 anos de idade?

Conheci a Libânia em 1990 quando trabalhávamos juntos no movimento sindical. Nos tornamos amigos e, desde então, somos bem próximos. Há dois anos, ela fez uma viagem a Portugal e, com seu natural faro de historiadora, encontrou livros de cunho mais acadêmico documentando o romance entre Inês de Castro e Pedro [oitavo rei de Portugal, que reinou de 1357 a 1367]. Libânia sempre acompanhou meu trabalho e gostou muito da minha adaptação de *A Relíquia*, de Eça de Queiroz [Conrad, 2007]. Partiu dela a ideia de adaptarmos a história! Fiquei interessado, mas não mergulhei de cabeça por conta do enorme trabalho que tem sido minha adaptação de *Os Miseráveis*. Mas até que foi bom! Nesse espaço de tempo, ela continuou



pesquisando tanto versões romaneadas como documentações, teses etc. Desde o final do ano passado, entrei em um ritmo mais fluente e menos estressante com a adaptação do Victor Hugo. Percebi que podia produzir as duas obras com relativa tranquilidade e voltamos a trabalhar juntos no projeto Inês e Pedro.

Após conhecer melhor a história, consegue se lembrar qual cena dessa imaginou ser ilustrada por você?

São muitas as cenas que não vejo a hora de desenhar! A maior parte delas descrevem fatos muito pouco conhecidos do grande público, que abraçou essa tragédia pelo seu lado mais folclórico: um lindo romance com pitadas de horror.

A história de Inês de Castro não está em

nosso livros didáticos. Conte para nós por que ela é uma grande história de amor do século 14. A cena do beija-mão da rainha morta parece ser apenas o ponto alto de uma história cheia de dramas, não é mesmo?

Por si só, seria mais uma “fábula” narrando um grande amor proibido, não fossem os desdobramentos agudos que a compõem: um assassinato planejado e cruel, uma vingança avassaladora e a coroação de um cadáver... O fascínio que envolve esse caso começa justamente por se tratar de um fato! Não é uma obra de ficção, uma fábula. Só que vai muito além disso. Tanto a origem da paixão e o desenrolar dos fatos que cercam o romance, como as motivações do crime, da vingança e da posse de uma rainha morta, se misturam e, às vezes, se confundem

com a história de Portugal. A mudança das dinastias de Borgonha para de Avis [em 1385, após vencer a Batalha de Aljubarrota de Dom Juan I, rei de Castela, Dom João I, o Mestre de Avis, torna-se soberano de Portugal e Algarves], os conflitos de fronteira, a consolidação territorial e política do país, a peste negra, e até mesmo um terrível terremoto que abalou a região têm ligação direta e indissociável nas decisões da corte, do casal e de seus descendentes diretos. Quase dá para dizer que a história de amor entre Inês de Castro e D. Pedro I (o de Portugal, não o “nosso”) foi fundamental na história daquele país.

A memória de Inês de Castro é recorrente em autores clássicos portugueses, como Camões. Pretende usar recordatório para trechos como "Estavas, linda Inês, posta em sossego, / De teus anos colhendo doce fruto, / Naquele engano da alma, ledo e cego, / Que a fortuna não deixa durar muito, / Nos saudosos campos do Mondego, / De teus fermosos olhos nunca enxuto, / Aos montes ensinando e às ervinhas / O nome que no peito escrito tinhas"? A memória de Inês de Castro também se recupera popularmente pela expressão "Inês é morta...", que significa "não adianta mais" ao longo do roteiro?

Desde que comecei a trabalhar n'Os Miseráveis, venho procurando diminuir o uso de recordatórios. As narrações “fora dos balões” me parecem cada vez menos interessantes. Tenho procurado inserir o leitor no contexto apenas pelas ações e diálogos das personagens. Alguns recordatórios na HQ de Inês e Pedro serão imprescindíveis, mas é um recurso que pretendo usar muito pouco. Além disso, as páginas finais do livro trará um apêndice com contextualização, levantamento de dados sociais, econômicos e políticos de Portugal no século 14. Esse material já está sendo produzido pela Libânia e, apesar de sua profundidade e detalhismo, terá redação leve e estimulante. Serão notas pontuais, notas de enriquecimento.



Eu escritora, eu lésbica

Natalia Borges Polesso

*Texto originalmente publicado em
<www.gelbcunb.blogspot.com>*

Eu, na minha insignificância, na minha ínfima condição de mulher lésbica, resolvi ser escritora. Escolha que não me isenta de pagar as contas, lavar as minhas roupas, tentar comer saudável, ficar puta dia sim e o outro também com comentários e fatos da vida e da internet, etcetera, etcetera. Antes de ser escritora, me tornei professora e, por escolha, pesquisadora (em eterna formação). Minha vida não é tão difícil, no mais tento equilibrar os assédios, tanto da vida acadêmica quanto da vida em geral e as necessidades prosaicas. Escrevo quando dá, não saio muito, bebo em casa (porque gosto e pra aguentar o tranco), não tenho carro, mas também não tenho dívidas, por enquanto. Não sobra dinheiro pra quase nada, mas dá tempo para organizar eventos de literatura na cidade, também insignificante, na qual vivo, longe do grande eixo da literatura brasileira, se é que uma coisa dessas (eixo?) ainda pode existir. Acho que essa metáfora, concreta demais, se desfez nos últimos anos, mas as relações de poder continuam

existindo e exercem sua força opressora por outros meios nas mesmíssimas pessoas, como eixos, na tentativa de atravessar (talvez até atassalhar) minorias ou mulheres ou mulheres negras ou mulheres trans ou ainda mulheres lésbicas, onde me encaixo.

Escrevo quando dá,
não saio muito, bebo
em casa (porque
gosto e pra aguentar
o tranco), não tenho
carro, mas também
não tenho dívidas,
por enquanto.

Bem, é no pouco tempo que me sobra entre essas atividades que eu penso na minha insignificante condição de escritora: escrevi três livros, três livros que tratam, direta ou indiretamente, de relações lésbicas. Sim. Simplesmente porque minha experiência de (r) existir é uma experiência de mulher e de mulher lésbica, e eu escolhi

que escreveria sobre isso, porque eu, dentro de uma reflexão diária, entendi, primeiramente, a importância dessa experiência, e depois, a importância de sua visibilidade, reconhecimento e, sobretudo, respeito. Nos enredos do meu trabalho, esta se constitui uma escolha política e estética. Política por ser modo de ocupar, estética por ser modo de pensar e realizar a minha escrita.

É uma bandeira?, perguntam. Por que não seria? É uma escolha consciente? Sim, definitivamente. “Você quer escancarar o universo lésbico?”, foi a pergunta que recebi do editor de uma revista à época do lançamento do *Amora* (meu livro mais recente). Escancarar? (por que esta palavra tão violenta?) Até parece que vivemos num universo à parte, que precisa ser escancarado pra ser visto. Respondi, educadamente, porque também é preciso abrir diálogo frente à ignorância, que a pergunta seria descabida se trocássemos “lésbico” por “hétero”. Algumas pessoas me elogiam dizendo que “não é um livro lésbico, é um livro sobre questões maiores e que a todos tocam”. Muito

obrigada, mas é justamente aí que reside o problema. Ser lésbica é uma questão maior pra mim. É parte de como eu me relaciono com o mundo, com as pessoas, e eu não quero que esse fator seja apagado. Ele é importante, primordial, até. Por outro lado, isso não quer dizer que o livro seja exclusivo para lésbicas. O livro trata de afetos, de relações de afeto e de experiências de afetividade comuns a todas as pessoas sim, é verdade, mas com uma pequena (grande) escolha estética: as mulheres são sempre protagonistas. É esse protagonismo que parece incitar os problemas quanto à crítica – é um livro lésbico ou não é um livro lésbico? Isso é positivo ou redutor? – a questão não é banal e revela um descompasso. Se é um livro lésbico, é por necessidade e escolha política, o que não invalida escolhas estéticas, muito menos construções narrativas. As relações não acontecem num ambiente amorfo, num fundo branco infinito, mas num espaço-tempo existente, que é o mundo, o meu, o seu, o nosso mundo, caso tenham dúvidas. E o mundo tá cheio de lésbicas.

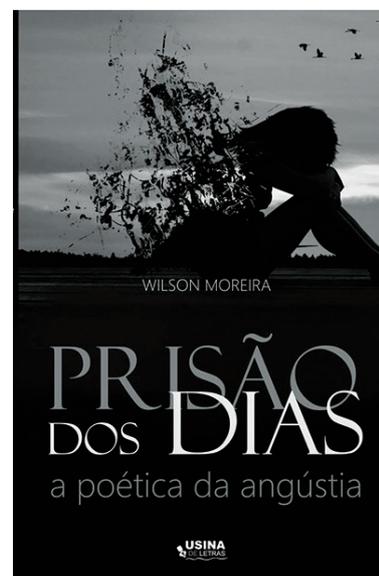
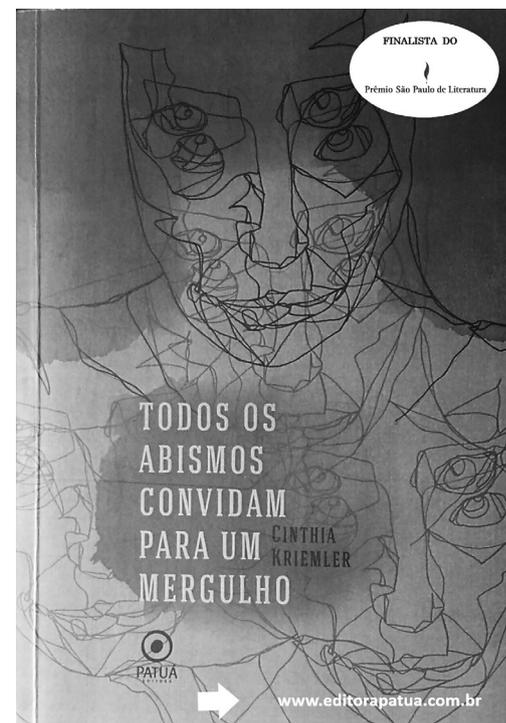
Gênese

Nosso demiurgo, tão limitado
Deus lhe deu ordens e um esboço;
Quando aplicou-se à carne e ao osso
Perdeu a ideia que havia herdado

Mas inflamado, por outro lado,
Cuspiu o fruto, comeu o caroço;
As criaturas, do cume ao poço,
Louvaram seu criador cansado

O demiurgo largou seu mundo
E pouco a pouco perdeu a memória —
Contam que Deus chegou a esquecê-lo

Assim inferimos por um descuido:
eis que o fundo do poço agora
não é mais fundo; é só um espelho.



**USINA
DE LETRAS**

O poeta paranaense Wilson Moreira lança seu sexto livro, trazendo textos que falam dos dias que nos aprisionam, das batalhas internas e da aventura de viver.

A poesia se torna um meio de fuga e de elevação da condição humana.

Moreira publicou outros cinco livros, que podem ser pedidos pela página HUMUS SAPIENS do Facebook.

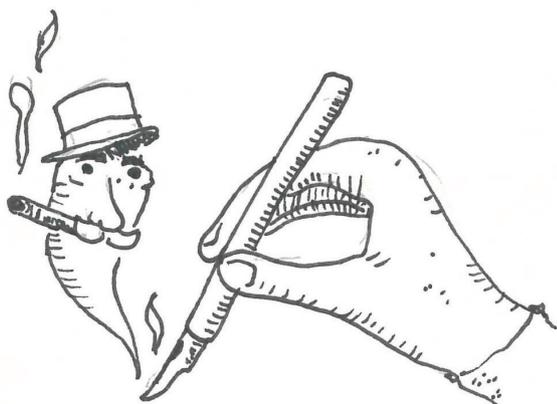


Agente penitenciário e sociólogo, Moreira publicou outros cinco títulos pela Usina de Letras: *Estilhaços de uma vida em espiral* (2009), *Vagando pelas horas* (2010), *Íntimo exterior* (2012), *Um pouco de coisas* (2014) e *Húmus Sapiens* (2017).

RelevO

INVENÇÕES

Da plenitude da nossa pós-modernidade querida, acusam os artistas, os produtores, os editores, os jurados e demais fanfarrões do meio cultural de não criarem mais nada relativamente original. Pois é mentira! O **RelevO**, a partir da sua caixinha de mensagens e reclamações presente em cada ponto de distribuição desse Brasil empreendedor, tal qual um Mário de Andrade, mas sem a afetação e sem os especialistas na Semana de Arte Moderna, recolheu relatos de ideias e inventos incríveis que seriam capazes de deixar Leonardo da Vinci com a autoconfiança de um técnico do São Paulo.



Caneta BRICS

Todos sabemos que os últimos anos estão tirando do armário “aquele liberalzinho na economia e conservador com o seu cu”, alega a leitora e desembargadora Flávia Boletto, de Curitiba (PR). “Assim, idealizei a primeira caneta esferográfica que, ao rolar a tinta, psicografa o melhor de Mises com a malemolência do *laissez-faire*, da catalaxia e do jusnaturalismo mundial”, define. Segundo a inventora, a caneta, cujo preço sugerido de R\$499 “é assumidamente abusivo para refutar a teoria de valor-trabalho”, vem com sensor de palavras de baixo calão em forma de “choquinho”. Boletto defende que o “choquinho” acalma os ânimos dos liberais-porém-conservadores mais exaltados, partindo do princípio de que “sem saber que é impossível, foi lá e levou um choque no cu”.



Boneca smartbaby XD60

“Assim como os mitos ao redor do consumo de ovo, não é unanimidade científica que um bebê tenha necessariamente que conviver os primeiros seis meses de sua vida com a própria mãe”. É o que prega Luiza Antonetti, a @Lulu77, radicada no Twitter, leitora de longa data do **RelevO** e coach felina. Assim, Antonetti, que foi entregue para adoção aos 19 anos, em pleno segundo ano da sua faculdade de Marketing, desenvolveu o *smartbaby* XD60, uma boneca-computador-bebê. “Na verdade, quem desenvolveu foi meu primo, mas ele deixou o invento no meu nome depois que ameacei cortar o nosso fornecedor de pó”. Segundo a investidora, o *smartbaby* pode ser alimentado por matéria orgânica de tuítes populares e aprende com facilidade a distribuir lacradas político-partidárias. Entre suas funções, estão comer, dormir e problematizar com gifs. Em versão beta, ainda apresenta um “olhar sinistro demais para um bebê”, ressalta @Lulu77.

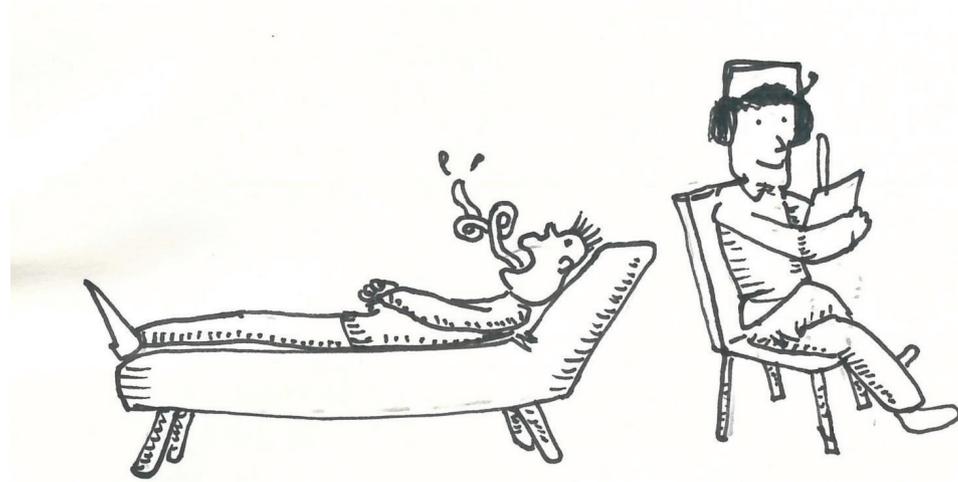


Adotador de gatos

Parece uma caixa... de Pandora! Hahaha. A *smartbox* Adotador de Gatos é perfeita para você que quer salvar bichanos, mas sem aquela parte chata de medicar, castrar, alimentar e, enfim, gastar. Ela funciona da seguinte forma: confortável e cheirosa, abriga até três felinos em condições quentinhas e ronronáveis. A questão é que o Adotador de Gatos dispõe de GPS integrado e *smartlocker* capaz de abrir qualquer fechadura (e uma placa “Não temos Wi-Fi: miem entre vocês!”). Dessa forma, você pode resgatar aquele gatinho lindo choramingando no estacionamento e deixá-lo dentro da casa de algum amigo mais cuidadoso. Agora o problema é dele. Adotador de Gatos: toda a parte legal de salvar um bichinho fofo – sem nenhuma responsabilidade!

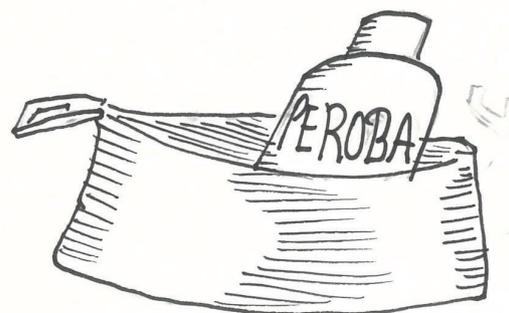
Quarto de vidro: *homeschooling* de séries

Jessé Viral, 17, nosso único leitor de Contenda-PR, um dia leu no Facebook: “Não importa o que você decidiu, importa o que te faz feliz”. Após abandonar as aulas do Ensino Médio “sem meus pais ou o colégio perceberem”, o *series specialist* desenvolveu uma ideia de longa data: o *homeschooling* de séries. “Gente, é muito chato você ficar em casa, imundo o fim de semana inteiro e sem alimento fresco. Pior: maratonar uma série, gostar e depois ouvir que a sua nova série favorita não chega AOS PÉS de *Breaking Bad*. Porra, aos 10 anos eu tava barranqueando na chácara. Não vale!”. Viral já protocolou no MEC (Ministério da Educação e *Californication*) uma universidade que, na verdade, é um *showroom* com diversas cabines de vidro para os estudantes maratonarem as séries previamente escolhidas por um colegiado “de respeito”. “A nossa ementa contemplará a vastidão de clássicos da cultura pop televisiva”, afirma. “Será um diferencial no mercado de trabalho ter um diploma em *Walking Dead* ou *Família Soprano*”. Segundo o inventor, quem buscar um PhD em séries pode se submeter a maratonas de *Grey’s Anatomy* com propósito acadêmico. “E não é uma formação? Quantas horas um estudante de Medicina se dedicou à Medicina, se comparado a um fã de GA? Hein?”, assevera em tom afrontoso. “Olha, o profissional hoje é muito desqualificado; os trabalhos são muito iguais... a gente entende isso e faz um uso mais útil do tempo”. O diploma em “comédias românticas multicâmera” é reconhecido apenas nas ilhas que compõem Tuvalu – por um erro de registro de um burocrata local.



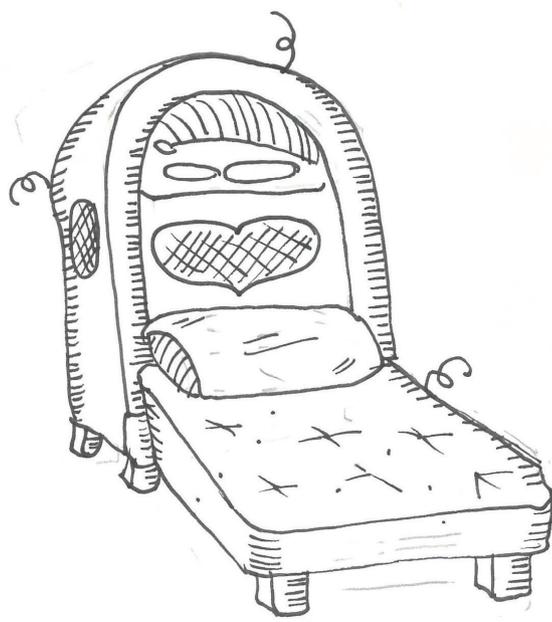
Agência Ouvido Brisado

O leitor Ayrton Souza, o Sussinha, do Instagram, reparou que “o ambiente das redes sociais está muito crizado”. Pensando nisso, ele desenvolveu a primeira agência completamente formada por psicólogos que reconhecem os benefícios do uso abusivo de certos entorpecentes. Segundo o idealizador da Agência Ouvido Brisado, o cliente, por meros “dois cigarrinhos”, tem à sua disposição profissionais amplamente capacitados na arte de ouvir e não responder nada que possa atrapalhar o cliente ou levá-lo a entender a resposta como um início de conflito. “A Agência Ouvido Brisado não quer guerra com ninguém”, enfatiza. Souza acredita que, em breve, poderá abrir uma clínica especializada no atendimento de *pets* que passeiam em bosques. “Daora (sic) ouvir o som da natureza”.



ORGASMOTRON

Não é segredo que os fãs de rock, sobretudo *trash metal*, são mais atingidos pela ejaculação precoce e perda de vigor sexual quando atingem a idade adulta (45 anos). Assim, Gianfranco Hofstadter, o Ozzyinho, que nasceu na mesma cidade do vocalista do Angra e já musicou diversos haicais publicados no *RelevO*, patenteou a Orgasmotron, primeira *jukebox* feita de vaselina. “Cara, quem nunca sentiu falta de tocar aquele Sepultura na hora do amor?”, indaga carinhosamente o empresário do ramo de bandanas. Além de uma programação variada de 17 músicas, a *jukebox* pode ser transformada em um sofá-cama. “A minha primeira vez com a Lane foi incrível, cara, me senti como se tivesse transado com(o) Dave (Mustaine)”, completa.



Extreme-Make(L)Over: Humanas para humanos com mais de 30

Certo dia, explica o leitor Maurílio Fontana, de Barbacena (MG), ele se deparou com um *gap*, “é assim que fala?”, nos corredores das universidades públicas. “Eu via aqueles homens barbudos, sem saber se usavam bolsa ou mochila, alguns certamente pais de filhos adolescentes... eles estavam perdidos na hora do intervalo”. Então Fontana teve uma ideia: criou o estojo de maquiagem Extreme-Make(L)Over. Ideal para marmanjos que jubilaram uma graduação, frequentam saraus de poesia e tratam o uso de tênis como ocasião formal, o estojo de maquiagem tem como foco aquela pessoa “um pouco mais experiente” que resolveu cursar uma faculdade na área de Humanas, mesmo contra a família e a lombalgia. “Ninguém gosta de ficar pra tio – do Zap”, conta Maurílio. “Eu não estou fazendo machismo, né?”. O Extreme-Make(L)Over auxilia a pessoa “um pouco mais experiente” a se camuflar no DCE, a evitar palavras como “massa” e “bacana” e a agir naturalmente diante de passeatas pela paz mundial. Acompanha um dicionário da novíngua universitária. HOW DO YOU DO, FELLOW KIDS?!!!

Telemaquiático: a comédia nova de Stephen Dedalus

Victor Fermino

Stately, plump Buck Mulligan came from the stairhead, bearing a bowl of lather on which a mirror and a razor lay crossed. Essa frase abre o colosso literário que é *Ulysses*. Em um primeiro olhar, é uma prosa comum para seu tempo, com vírgulas nos lugares corretos, adjetivos ilustrando as coisas mais fáceis de imaginar e detalhes garantindo uma narrativa linear dentro de seu próprio predicado.

E, em novembro de 1968 a revista *The New Yorker* começou a publicar *Ulysses* em forma serializada, uma frase por vez. A brincadeira durou mais de quarenta e dois anos, mas começou com essa simples frase.

E *Telemachus*, o primeiro capítulo do clássico atemporal de James Joyce, é uma das maiores peças que o autor poderia sonhar em pregar – à primeira leitura, *Ulysses* seria um livro comum de um autor inventivo. Uma continuação do clássico *A Portrait of the Artist as a Young Man*, talvez. Com mais humor, talvez. Com um terceiro ato interessante, talvez. A percepção continuaria com o segundo capítulo, Nestor, mas é importante entender

como as primeiras cenas de *Telemachus* estabelecem boa parte da relação simbiótica de *Ulysses* com a comédia grega e, mais especificamente, com a *Odisseia*.

A práxis de Stephen Dedalus faz com que nosso heróico protagonista pareça uma figura reativa à persona dominante de Mulligan. O nosso Telêmaco é apenas o terceiro nome citado no romance. Ele surge como uma figura antipática e sonolenta respondendo ao latim de Mulligan e ao mundo ao seu redor.

Stephen Dedalus é uma antítese dialética de tudo que poderia parecer interessante a um leitor desavisado. Enquanto Mulligan brinca com a ideia de ser Adão, de ser o Übermensch, Stephen não se esforça para demonstrar o quão difícil é entender sua mente. Sabemos, claro, que ele faria isso posteriormente, mas o faria sozinho, e não para o prazer do leitor.

Mesmo quem conhecia o prodígio acadêmico por *A Portrait of the Artist as a Young Man* lê alguém que, como no começo do romance autobiográfico de Joyce, se calava e deixava o mundo ao

seu redor falar por ele.

A persona apática e apolítica de Dedalus faz com que ele lembre Cnemon, personagem de Menandro, tanto quanto remete a Telêmaco. Evidentemente, não pode ser um caso de inspiração, visto que a peça *O Misanthropo* só foi recuperada mais de uma década após a morte de Joyce. Ainda assim, o legado de Menandro pode ser observado nas obras de Terêncio, autor que moldou muito da gnose renascentista. Uma tese da acadêmica Marian Petrakis, publicada em 1944, buscou demonstrar os paralelos entre os dois gregos.

Na *Odisseia* homérica, Telêmaco viveu com sua mãe buscando notícias sobre seu pai, Ulisses. Em *Ulysses*, o jovem deuteragonista parece ter chegado a uma singularidade de informação e de apatia pelo pai, Simon.

Embora *Ulysses* seja declaradamente um estudo sobre o clássico de Homero, há, na caracterização de seu primeiro episódio, muito da nova comédia grega: há um humor na análise introspectiva de seus costumes. Há

uma socraticidade na maneira como Stephen Dedalus é pincelado no texto.

Para entender o silêncio de Dedalus é preciso entender o contexto histórico grego. As comédias antigas são divididas em três: velha, média e nova. A velha apresentava primariamente humor político escrachado e direto, a média deixava o âmbito político para ridicularizar conceitos mais generalizados e a nova, de Menandro, analisava os costumes, o familiar. Assim, as peças eram mais próximas ao homem, ao terreno.

Assim, Stephen Dedalus deixa de ser a figura mitológica e faustiana encontrada em *A Portrait of the Artist as a Young Man* e se torna um homem. O conceito de *show, don't tell* sempre me pareceu mais difícil na literatura. Quando escrevemos, estamos contando, afinal. Mas nessa primeira caracterização de Stephen Dedalus em *Ulysses*, temos um capítulo inteiro dedicado a mostrar um protagonista quieto dentro das linhas do texto. E é através desse silêncio que Joyce conversa conosco.

Meus parabéns, Bertha

Mário GonDi Júnior

Você pode até jurar que nunca ouviu falar na poeta, professora, farmacêutica e, ainda, compositora Bertha Celeste, mas certamente conhece a letra e a melodia do seu maior hit, que é, sem dúvidas, a música com a maior quantidade de regravações da história do Brasil e, quiçá, de toda Telêmaco Borba.

Além desta composição, que apresentarei adiante, ela teve uma outra canção, intitulada *Arraiá*, gravada por Rolando Boldrin (o Sr. Brasil das manhãs de domingo, na TV Cultura). Dona Bertha Celeste Homem de Mello nasceu em Pindamonhangaba (SP), em 21 de março de 1902, e foi-se — “fora do combinado”, como costuma dizer o Sr. Brasil — em 16 de agosto de 1999, em Jacareí (SP).

A trajetória da música de maior sucesso da MPB começa no meio dessa história, em 1942. Neste ano, um compositor carioca de marchinhas e sambas da Era de Ouro do Rádio, conhecido como Almirante, organizou um concurso na Rádio Tupi, do Rio de Janeiro, para eleger a melhor versão de uma famosa música americana: “Happy Birthday to You”. Foi essa a canção que Marilyn Monroe interpretou — bem sensualmente, diga-se de passagem — em uma festa que homenageava o então presidente John F. Kennedy, em 1962 (sim, tem no YouTube). Bertha tinha então 40

anos quando decidiu se inscrever no concurso (usando o pseudônimo Léa Guimarães), e a sua letra de “Parabéns a Você”, criada em pouco mais de 5 minutos, foi eleita a melhor dentre outras 5 mil versões, pela Academia Brasileira de Letras (ABL), por dois motivos simples: além de fácil de aprender, não repetia a mesma frase três vezes, como acontece com a versão original.

Para uma breve ideia do quanto a música é famosa e de quantas vezes já deve ter sido entoada, multiplique-a pelo total da população dos censos demográficos de todos os anos, de 1943 até hoje. Nem o “Gangnam Style”, do Psy, chega aos pés. Agora, você deve conseguir imaginar o quanto Bertha já recebeu de direitos autorais durante toda sua vida. Vou ajudar na conta: NADA. Nem ela, nem Jorge de Mello Gambier, que compôs a segunda parte da letra, em 1978. E apenas há nove anos, em 2009, Lorice, sua filha e herdeira, ingressou com uma ação judicial pleiteando esse direito. Por outro lado, a versão original, em inglês, passará a ser de domínio público agora em 2016, depois de 80 anos, como prevê a lei.

Enquanto espera esse longo desfecho, “Happy Birthday to You” se manteve arrecadando 2 milhões de dólares por ano para a Warner Music, detentora oficial dos direitos da música, desde 1989.



Se as páginas pudessem ser de pele, não seria preciso descobrir porque goza o poema. Toda especulação em torno da relação entre arte e prazer teria seu fim se nos livros pudessemos sentir textura e calor de um corpo que escreve em si. No lugar de palavras, braços, pernas abertas, cruzadas, fechadas, que vão saindo obra afora e se confundindo também com o corpo do leitor — alvo da relação que se insinua. No lugar da revelação de um sentido, a produção de uma interminável cadeia de sensações faria o poema acontecer; leitor e poeta exaustos afinal.

Engana-se quem pensa que enquanto lê não está gozando junto, procurando uma posição mais confortável para encontrar seu prazer, mesmo que não exista conforto nenhum no sexual de que é feita a arte. Raro é esse momento da entrega ao desejo do corpo, assim como é rara a manifestação irrefreável do desejo poético. As páginas desse livro não são de pele em sua realidade material, mas a maestria com que o poeta oferece seus versos como partes de corpos inebriados de prazer, faz-nos pensar que sim. A raridade está nas mãos de William Soares dos Santos e na poesia que evoca ao tocar tantas silhuetas, enquanto produz sua arte e transforma em obra-prima um organismo que não para de se contorcer, agora do lado de cá, pronto para entrar em nós e nos deixar, também, desejar a sua entrada.

Morgana Rech

www.editoraurutau.com.br

Quanto tempo para que bicho tenha rancor?

Maria Fernanda Elias Maglio

“Não poderia morder Fabiano: tinha nascido perto dele, numa camarinha, sob a cama de varas, e consumira a existência em submissão, ladrando para juntar o gado quando o vaqueiro batia palmas.”

(Graciliano Ramos em *Vidas Secas*)

Maria Lúcia do quê? Maria Lúcia só não é nome, minha senhora, tem que ser Maria Lúcia alguma coisa, senão não dá nem pra lavar B.O. Vanderlei, ô Vanderlei, vai atendendo a senhora aqui, vê se ela lembra o nome da tia que tá desaparecida, se for Maria Lúcia porra nenhuma a gente não lava nada, tá oquei? Tadeu estica os dois braços e pressiona as costas contra o espaldar da cadeira, as pontas da camisa escapam da calça jeans, coça a barriga com a mão direita, precisa ver o negócio da hérnia, urgente, vai que estoura, o médico falou que se arrebenta vai tudo pra fora, intestino e tal, deve vazar merda pra todo lado, doutor Cardenaldo, isso é nome, chamar Cardenaldo é a mesma coisa que chamar Maria Lúcia porra nenhuma,

mas ao contrário. Minha senhora, pode sair vazando, vai, vai, vai, como é que a gente procura se não tem ideia se é Maria Lúcia Santos, Maria Lúcia Clemente, Maria Lúcia Freitas, vai ver é Maria Lúcia, hein, Vanderlei, imagina se a tia da senhora chama Maria Lúcia e não Maria Lúcia, ia ser hilário, né não, minha senhora, vai dando linha que aqui a gente trata de coisa grossa, homicídio, estupro, ouviu falar da chacina na favela Pantanal, tá aqui comigo, um abacaxi desses você não sabe o sono que tira de um homem, vai embora, fuça nos documentos da tua tia, ela deve ter documento, não existe não ter documento, toda velha tem um saco plástico lotado de papel, né não, Vanderlei, cópia mofada de RG, contrato de gaveta da compra do barraco, prestação do liquidificador da Magazine Luiza, vai pra casa, tá oquei, aqui o bicho tá pegando, sentaram o dedo geral, sete mortos, incluindo uma criança de dois anos, é, minha senhora, pra você ver o nível do animal que mata anjinho, três tiros na cabeça, já viu cabeça arrebentada, isso, melhor ir embora, procura o saco, certeza que

tem saco, qualquer coisa volta.

Coça de novo a barriga, empurrando a hérnia com o indicador. Vanderlei folheia o inquérito e fala sobre caso. É estranho, doutor Tadeu, tem uns lances esquisitos, tipo o necroscópico da menininha, a hora da morte não bate com o resto, sabe, morreu pelo menos umas quatro horas antes do pessoal. Vanderlei está com o inquérito aberto em uma das fotos da criança: braços, pernas, barriga, do pescoço para baixo o corpo de uma menina de dois anos. A cabeça arrebentada, um buraco emendando o que era olho-boca-nariz, se o laudo não dissesse o contrário, apostaria em escopeta, nunca viu calibre doze fazer um estrago desses. Teve o caso da Rua São Luís, o velhinho tinha oitenta, oitenta e cinco anos, gente velha assim não devia morrer de arma, porra, o cara vive a vida inteira, sobrevive enchente, pneumonia, sífilis, acidente de moto, sabe lá o que e morre de tiro na cabeça, levaram nada, só o relógio que estava na estante e vai ver nem tinha relógio nenhum, o filho falou que o velho deixava na estante e o relógio

não estava lá, do lado do corpo um monte de cheetos, ladrão que come cheetos, essa é boa. Porra, Vanderlei, lembra daquele velho judeu da São Luís, cheetos espalhados pra todo lugar, hilário, né não, não sei porque veio na cabeça. Vanderlei concorda, hilário, doutor Tadeu, cada uma que aparece. Não está mais na página da menina morta, agora o toxicológico da vítima quatro: cocaína e álcool. Faz três meses que não cheira, nem quando vira a noite no plantão, está perdendo a vontade de pó e dá medo isso, tem um colega da vinte e dois que começou a fumar crack, fim de linha, droga de nóia, viu o cara definhar, será que morreu, nunca mais soube dele, a última notícia é que a polícia exonerou, um processo de uns dois anos, o cara tinha mulher e duas filhas, não, não, era uma filha e um filho, porque o menino chamava Tadeu, igual a ele. Você sabe o que aconteceu com aquele delegado da vinte e dois, o craqueiro? Vanderlei não sabe, vai ver virou nóia de vez, doutor, esses zumbis da Rua Helvétia. A página é a setenta e oito, um laudo do Instituto

de Criminalística sobre as roupas da vítima dois, um vestido roxo e um par de botas sem salto. Porra, Vanderlei, já deu, né, quase onze e a gente aqui, tua mulher deve tá puta contigo, todo dia chegando de madrugada, cuida do teu casamento, tá oquei, antes que ela te enfeite uns chifres na cabeça.

Nunca acha a chave de casa de primeira, enfia a mão na pasta, tateia isqueiro, uma barra de chocolate amolecida, clipes, duas bics sem tampa, um pedaço de papel higiênico dobrado, maço de marlboro, bala de menta, a chave. O apartamento das onze e meia da noite é idêntico ao apartamento das sete e meia da manhã, a filha da puta da faxineira não veio outra vez. Não dá pra contar com essa gente e o porteiro nem pra avisar, podia pelo menos dizer, doutor Tadeu, a moça não pegou a chave não. Sujeito mau encarado esse porteiro da noite, tem que lembrar de pedir nome completo pra conferir a capivara, nunca se sabe, bandido pra todo lugar. Aquela copeira era prova, dentro da própria DP, passando cafezinho pra polícia, investigador, delegado, foram ver tinha passagem. Furto? É, furto de supermercado, uma caixa de bombom, dois vidros de shampoo, creme de cabelo, uma porra dessas, essa gente só quer encher o bucho de chocolate e cheirar bem, por isso o ônibus lotado de mulher gorda, com cabelo exalando tutti-frutti, cada uma, creme com cheiro de chiclete.

Já despejou a ração da cachorra no pote e agora ela come. Botou também o resto de feijão que faxineira cozinhou na semana passada, a cachorra adora feijão, o duro é o tanto que peida depois, ele assistindo TV e a cachorra peidando, porra, Branca, fecha esse cu. Gosta da ironia de chamar a cachorra de Branca, sendo ela tão preta. A cachorra nem liga, gosta dele mesmo sendo um filho da puta, porque cachorro é igual pobre, se der comida sempre volta. Cachorro e pobre não tem rancor. Bandido é outra coisa, imagina um animal que estoura a cabeça de uma criança de dois anos, dois anos, caralho, deve ter fralda ainda, dois anos usa fralda? Não sabe nada de criança, nunca teve criança nenhuma,

quando a Rita quis ter, mandou dar linha na pipa, golpe da barriga comigo não, tá oquei? Agora não quer saber de mulher, só de puta, que não pede filho, não reclama da zona da casa e nem de dar o cu, amanhã é dia, vai chamar aquela loirinha da bunda grande de novo, como é o nome, Carina, Carla, Ca alguma coisa, fodase, no celular está gravado Loirinha Bunda Boa, gosta de mostrar os nomes pro Vanderlei, porra, Vanderlei, olha o nome que eu gravei aqui, essa é um furacão, coitado do Vanderlei, mulher, filho e tal, ainda bem que ele assiste pornô, o cara é viciado em xvídeo, teve que dar um toque, olha, Vanderlei, não dá para ficar batendo punheta no plantão, enchendo o lixo de papel higiênico esporreado, tá oquei?

Já comeu as duas salsichas da geladeira e um pacote de bolacha maisena, colocando na boca de três em três. Está no sofá, a cabeça da cachorra no colo, troca de canal com a mão direita, com a esquerda coça a cabeça de Branca. Na mesa de centro, uma garrafa de água pela metade, uma embalagem vazia de doritos, maço de marlboro, cinzeiro lotado de bituca (fumou três, desde que chegou), a arma travada. Larga o controle no braço do sofá, antes aperta o botão de mudo. A boca do apresentador do jornal mexe e as sobrancelhas estão severas, em seguida a imagem de umas crianças pretas fazendo fila, uma gente com cara de piedade despejando sopa em tigelas encardidas. Conhece essa gente, o inferno está cheio delas, caridade de dia e pecado de noite, como se deus não tivesse visão noturna, essa é boa, vai falar pro Vanderlei amanhã, porra, Vanderlei, essa gente acha que deus não tem visão noturna, o cara é o batman.

A mão está parada na cabeça da cachorra e ela reclama mais carinho, movimentando o focinho para frente e para trás. Faz o que, sete, oito anos que ele pegou, deve ser isso, ainda estava no departamento de narcóticos, a cachorra apareceu no quintal, ele enxotou e ela não ia embora, ficava deitada na escadinha, a Rita tinha dormido na mãe, decerto tinham brigado, não, não, a mãe estava doente,

já era o câncer, quando a Rita chegou, a cadela lá, levou na veterinária e tudo, ele era contra, a gente não cuida nem da gente, vai cuidar de bicho, Rita, amanhã a gente bota na rua, tá oquei? A Rita fez um escarcéu, você não tem coração, botar uma bichinha dessas na rua, sem maldade nenhuma, ficaram com a cachorra, ele que deu nome. Quando a Rita foi embora, quis levar Branca, agora é minha, Rita, peguei um amor nessa cadela que não tive nem na minha mãe.

Pega a arma na mesinha e certifica que está mesmo travada, deus me livre de matar essa cachorra, capaz de morrer junto. Raspa o cano da arma no lombo de Branca e ela se encolhe, sabe o que vem e ainda assim continua deitada, a cabeça no colo do dono. Os olhos lacrimejam e gane quase tão baixo quanto a voz muda do apresentador do jornal. Agora uma greve de professores, uma gente desocupada em frente a um prédio público, secretaria da educação, cultura, uma porra dessas de governo. Encosta o cano da arma no ânus da cadela que chora, ainda assim deitada, o focinho úmido de uma coisa que pode ser ranho ou lágrima, mas não é medo, porque medo é o que não se conhece e a cachorra sabe exatamente a sequência dos movimentos, uma coreografia muito ensaiada: o cano da arma entrando, primeiro devagar, um prolongamento desnecessário da dor, depois rápido, até a altura do gatilho, o cano saindo e entrando, mais uma vez, quantas vezes forem necessárias para que o dono finalmente ejacule na mão esquerda. Isso a cachorra não sabe, sabe apenas que ficando quieta dói menos.

Tadeu fecha o zíper da calça e a cadela ainda chora, passou, Branca, passou, o apresentador dá boa noite e ele sabe porque as letras sobem na tela. A cachorra não sabe de nada, nem da fila de crianças pretas, nem da menina de cabeça arrebatada na favela Pantanal, os professores levando spray de pimenta na cara, bando de vagabundos, não sabe que o apresentador do jornal deu boa noite, nem que Tadeu tem uma hérnia do tamanho de uma bola de pingue-pongue, também desconhece

que a pele do umbigo é tão fina que poderia arrebentar com a força dos caninos, com sorte estoura intestino, o dono ganindo alto, enquanto a merda escorre pelo buraco e também sangue e lágrimas, quem sabe ranho e medo, com certeza medo, porque medo é o que não se conhece e Tadeu não sabe como é morrer de hérnia estourada. Quantos dias para que alguém dê falta, arrombe a porta, o cheiro, quantos dias para que os vizinhos notem e chamem quem, a polícia, a vigilância sanitária, a velhinha do 104 discando 0800 para dizer olha, tem uma coisa cheirando mal aqui, melhor ver, cheiro de merda e carne podre, quantos dias para que a cachorra comece a comer seu corpo, escavar a pele da canela até chegar na tibia, roer o osso, arrebentar músculos, tendões, artérias, quantas artérias tem o corpo, quantas veias, até que tamanho cresce uma hérnia, com que idade criança não usa fralda, qual é o diâmetro máximo de saída de uma escopeta, uma doze, porque um filho da puta come cheetos depois de matar um velho, um judeu de oitenta, oitenta e cinco anos que morava em um apartamento de 245 metros quadrados e botava a porra do relógio em cima da estante, quantos anos sobrevive um cachorro comendo feijão, quantos anos uma cadela currada toda semana por uma arma travada, é possível alguém não ter documento nenhum, nem saco, nem prestação de liquidificador, quanto sobrevive um desses zumbis da Helvétia, queimando pedra todo dia, quantos pecados precisa para que deus pare de perdoar, quanto sofrimento suporta um homem, um craqueiro, um velho, uma cadela, quanto tempo para que bicho tenha rancor?

Branca dorme no colo do dono e a televisão ainda muda. Tadeu limpa a arma na camisa e brinca com a hérnia usando o indicador direito: para dentro e para fora, mais uma vez, quantas vezes forem necessárias para que finalmente adormeça. Nesta noite, vai sonhar com apresentador do jornal gritando socorro, sem voz nenhuma, enquanto uma cachorra preta, de lágrima, ranho e nenhum medo, enfia o focinho na cabeça arrombada por três tiros de escopeta de uma criança sem fralda.

Felipe Gomes

Baixo

No fundo,
gosto
do que me faz mau

Aquilo que machuca
endurece
meu pau

Nota da redação:

Alteramos o poema acima na edição de fevereiro. Onde você lê agora <mau>, revisamos para <mal>. Cagada nossa. Reconhecemos humildemente a falha e republicamos o material original nesta página, cientes de que isso não apaga nossa falha. Agradecemos, ainda, a paciência do autor conosco.



CRÔNICA COISÍSSIMA NENHUMA

Você aí do outro lado possivelmente já se debruçou sobre algum livro de crônica e percebeu, perplexo, que o livro não era exatamente de crônica, mas de alta literatura.

Sim: estou falando de livros de crônicas entre aspas de Rubem Braga e Paulo Mendes Campos e Otto Lara Resende e cousa e lousa. Descobri agorinha que Ricardo Ramos Filho transita faceiro, altivo, por essas veredas nas quais esses geniais aí transitavam.

O tema poderá ser de uma simplicidade, de uma pobreza, digamos, franciscana, mas eles, e Ricardo, transformam-transformavam o quase-desacontecimento num deslumbrante-encantador acontecimento poético. Exemplo: eu, escritor das mesmices, diria: Ah, São Paulo me perturbar demais, ou qualquer coisa banal deste naipe. Ele, Ricardo Ramos Filho, da linhagem dos cronistas-poetas já mencionados, disse: Você me confunde, São Paulo: toda vez que tento definir nossa relação vem uma angústia danada. É amor, eu sei, mas um amor doido, sem sentido...

Ah, o título, belíssimo título: CONVERSA COMIGO.

Sim: cronista-poeta Ricardo Ramos Filho: seu livro, sim, conversou comigo, me acalentou, me encheu de afagos líricos.

Evandro Affonso Ferreira

Leilão

Ricardo Ramos Filho

Crônica integrante de *Conversa Comigo* (Editora Penalux, 2019).

Estamos acostumados a ver leilões nos filmes. Disputas emocionantes. Constrói-se, no enredo, tensão. Gestos, erguer de sobranceiras, caras e bocas, sem que entendamos direito lances são feitos. E o mocinho, no final, arrecada o objeto de desejo com a gente torcendo na poltrona, grudado no écran, como diriam nossos irmãos lusitanos.

Tudo começou com mensagem eletrônica enviada por um amigo. Iriam leiloar uma primeira edição do *Vidas Secas* autografada. Interessei-me. No anúncio da empresa de leilões consegui decifrar os dizeres: “Para seu Américo, um abraço. Graciliano Rio — 1938”.

Menino, eu costumava passar férias no Rio de Janeiro. Deixávamos São Paulo muitas vezes no trem noturno, leito, maior farra. Ansiávamos por tios, primos, praia, verão na capital carioca. Eu gostava de me hospedar no Flamengo, onde moravam minha tia-avó Helena e meu bisavô Américo. Os mimos lá eram enormes, tratavam-me como amigo do rei, era minha Pasárgada. Ainda não tinha mulher na cama que eu escolhesse, elas não existiam na época, mas serviam ovos mexidos no café da manhã, com pedaços de pão mergulhados no creme amarelo. E guaraná. Sim, lá eu podia beber logo cedo uma garrafa só para mim, geladinha. Refrigerante na época era raro, e o máximo.

Vovô Américo, sogro de Graciliano, pai de vovó Heloísa, mulher do escritor alagoano, e também de minha tia-avó Helena, era um velhinho querido. Vivia de pijama em um quarto que, para mim, possuía aura dourada. Talvez reflexo da fumaça de cigarros acesos em piteira, cortados pela metade com uma tesourinha para economizar. As baforadas de fumo saíam de suas narinas e dançavam na penumbra, passando pelo bigode amarelo de nicotina, a luz da manhã do Rio esgueirando-se pelas frestas da persiana. Tudo fechado para ficar mais fresco. Eu, short, camiseta e havaianas, legítimas desde 1962, sentava-me em sua cadeira de balanço. Adorava. Ia e vinha cada vez mais rápido. E então ele, talvez para me acalmar, começava uma história do tempo da escravidão. Eram as minhas preferidas. Aquele Nordeste de engenhos. Meu bisavô tinha o dedo médio doente, enrolado, sempre apontando para a palma da mão, morto. Havia ficado preso no moedor de cana. Ria quando eu o puxava, tentando colocá-lo no lugar e o dedo, insistente, voltava para o mesmo encolhimento sem vida de sempre. Os relatos ouvidos ali, tenho certeza, me fizeram querer ser escritor mais tarde.

E então vovô Américo se erguia, vestia o terno claro impecável e me

convidava para sair. Íamos de mãos dadas para o barbeiro. Lá, orgulhoso, ele apresentava o bisneto e pedia para que cortassem o meu cabelo bem curtinho. Década de sessenta, a minha juba sempre foi um incômodo para ele. Dócil e feliz com o início de minha temporada na Cidade Maravilhosa, eu permitia aquela falta de consideração.

Eu tive um bisavô por bastante tempo. Vovô Américo morreu quando completei dezoito anos. “Para seu Américo, um abraço. Graciliano Rio — 1938”.

Cheguei na sala ampla muito cedo. O leilão aconteceria bem mais tarde. Poucas vezes me senti tão pouco à vontade em um lugar. Insegurança de marinheiro de primeira viagem, provavelmente. Pedi para ver o livro. Emocionado, peguei a relíquia nas mãos. Desgastada, a página do autógrafo meio solta. Perguntei se podia fotografar e a atendente me pediu para esperar, iria ver se era permitido. Voltou, era. Na foto, apareci segurando o livro, dedicatória visível. Resolvi deixar o lance mínimo inicial, R\$ 3000, muito para o meu bolso. E fui embora, não aguentava mais. Caso conseguisse aquele volume, ele teria o destino de todos os outros livros autografados da família, o IEB — Instituto de Estudos Brasileiros.

Importante deixar a obra de Graciliano Ramos disponível para quem deseje estudá-lo.

Graciliano, caso soubesse do meu movimento, comentaria divertido: “Desatino gastar tanto por um livro tão chinfrim”.

Fui embora daquele ambiente estranho para mim. Quadros caríssimos, estátuas, objetos. Tudo que muito dinheiro pode comprar.

No dia seguinte, soube que o *Vidas Secas* fora arrematado por valor maior do que eu dera. Não poderiam me informar quanto, nem quem o conquistara.

Hoje é sexta-feira. Talvez haja um jantar em algum salão rico mais tarde. O senhor da biblioteca bem cuidada, estantes de madeira escura, erguerá sua taça de vinho caro. Falará de safras, eflúvios, afirmará que aquela bebida o conduz para algum lugar bucólico da França. Dirá isso empertigado, os botões dourados do blazer azul-marinho brilhando. Chamará os convidados e mostrará, vaidoso, a primeira edição de *Vidas Secas* autografada. Mais recente aquisição sua. E então um brinde coroará o momento: “Para seu Américo, um abraço. Graciliano Rio — 1938”. Eu conheci e sei quem foi vovô Américo. A minha arma é o que a memória guarda.

Ivone M. Martins

Trecho do livro *AMOR PRIMEIRO* (Ed. Alma Mater, 2019).

A vida nem sempre começa pelo início, pelo dia do nascimento. Alguns começam a vida pelo meio, muito depois do nascimento, quando se tornam capazes de tomar as próprias decisões. Outros começam antes, quando ainda estão na fase embrionária da divisão celular. Foi assim com Vicente Infante Reis. Bem antes de nascer, já havia sido definido pelas escolhas do pai. E pelo legado dos pais, porque todos recebem uma genética que empresta os traços dos progenitores e se reflete no corpo, escancarando as origens.

Desde cedo, avós, tios e familiares distantes esperam reconhecer o sangue da linhagem nos sinais em comum: o queixo do pai, os olhos da mãe ou até um detalhe que saltou gerações para aterrar no rosto desprevenido de um bisneto. Os que não conhecem os pais crescem donos do próprio destino, sem se compararem a ninguém. Não sabem a quem pertence o queixo ou o desenho das mãos e acreditam estar livres dos ancestrais. Porém, a genética é como um crime: sempre aparece.

Além da genealogia, existem aqueles que são reconhecidos por outro tipo de herança: o patrimônio. E isso os define para o resto da vida — quando o dinheiro entra na equação torna-se sempre mais forte do que o sangue. Mas a maioria ganha princípios, porque é tudo o que os pais possuem para oferecer. Os pais dizem, seguros de que estão munindo os filhos de uma arma invencível:

— Vou lhe dar uma educação.

E os filhos aprendem que os pais lhes deram a vida para chegar a este mundo e a educação para atravessá-lo.

Torna-se logo evidente que não basta chegar, também é preciso saber para onde se vai. E nisso Vicente pertencia à maioria. Do pai, herdou a figura e a política, da mãe, herdou o talento artístico. Foi assim que, mesmo antes de saber quem era, Vicente já sabia para onde ia.

Eduardo Reis entrou para a resistência contra o fascismo em 1945, no mesmo ano em que a Segunda Grande Guerra terminou sem invadir Portugal. Antônio Salazar, o líder do governo, declarou a neutralidade do país e o salvou das bombas, mas não o salvou da pobreza e do subdesenvolvimento, como aconteceu com a Suíça, que também foi neutra, mas teve a esperteza de se tornar o Banco da Guerra ao guardar o dinheiro dos vivos e dos mortos, dos algozes e das vítimas.

Salazar governou o país durante a maior parte da ditadura, que durou quase meio século. Com a sua imagem esfíngica e as mãos de ferro, foi a figura central do Estado Novo. Era assim que todos se referiam ao regime totalitário, como se o Estado Novo fosse algo benéfico e promissor, capaz de sacudir o país do anonimato e da miséria. Mas Eduardo e outros rebeldes como ele sabiam que não havia nada de novo naquele Estado e o chamavam, simplesmente, de ditadura.

O Estado Novo usava a PIDE para subjugar todos e para localizar os detratores onde quer que estivessem — no continente ou nas colônias do império. A PIDE atuava com base numa rede imbricada de informantes

do povo. A regra era simples: as pessoas ou eram informantes ou eram suspeitas. No meio, entre os dois grupos, estava o Estado governando absoluto porque dividia para reinar, exercendo, assim, a mais básica das regras do poder. Décadas depois, alguns historiadores viam a PIDE como uma das polícias secretas mais eficientes, em parte, graças a essa capacidade de se disseminar entre o povo e, em parte, por se ter inspirado nos métodos cruéis da Gestapo, de Hitler.

Durante a ditadura não era preciso muito para destruir alguém. Uma denúncia bastava para arrancar um cidadão da pacatez do cotidiano e transformá-lo em ameaça ao Estado. Era assim que as pessoas se viam arrastadas para as malhas do terror: sem aviso prévio e sem culpa formada.

Eduardo considerava que a sua adesão à resistência era o único caminho para combater a ditadura. Opor-se a um governo autoritário era a forma de defender a liberdade — o bem mais precioso do ser humano, aquele que garantia todos os outros. Eduardo dizia que sem liberdade o ser humano se tornava escravo em qualquer situação da vida, até mesmo na intimidade. E era nesse conceito básico que assentava a sua oposição a qualquer regime político, ou religioso, que cerceasse a liberdade.

No mesmo dia em que completou dezoito anos, Eduardo filiou-se no Partido Comunista, que era visto como a grande ameaça ao Estado Novo. Historicamente, os comunistas sempre foram entendidos assim: primeiro como uma ameaça aos

governos humanos, depois como um entrave aos desígnios divinos. Nunca houve uma raça política que ameaçasse tanto e, ao mesmo tempo, o governo dos humanos e o governo de Deus, como os comunistas. Por isso, a religião andava tantas vezes de mãos dadas com o Estado no combate aos comunistas.

Cedo, Eduardo provou ser um militante confiável, o que, naqueles tempos difíceis e incertos, era a melhor das qualidades. Conquistou a fama em 1949, quando foi preso aos vinte e dois anos sob a acusação de conspirar contra o regime.

Nunca descobriu a identidade do delator. Podia ser qualquer um — conhecido, vizinho, amigo ou até familiar, porque a ditadura assentava na desconfiança e no medo. Todos temiam todos. Essa era a arma mais eficaz da PIDE: o domínio do medo. Mas o medo tinha um efeito perverso: tanto podia transformar homens em covardes, quanto em soldados — lutadores intrépidos que se superavam para desafiar tudo. Homens que eram como árvores: não importava o que fizessem com eles, sempre viveriam e morreriam de pé. Nunca de joelhos. Eduardo era assim. Nasceria para ser como uma árvore.

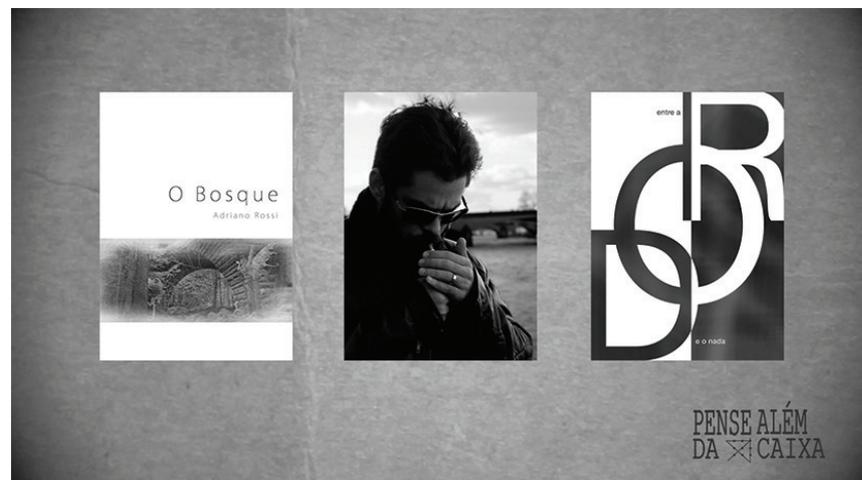
Na prisão, Eduardo convenceu os interrogadores de que as acusações eram infundadas, tratava-se de um engano do acusador — quem quer que ele fosse — no seu afã de agradar ao regime. Eduardo falava pouco. Gostava do silêncio. Era assim desde a infância, calado, medindo as palavras com cuidado, ciente de que elas tinham o poder absurdo de salvar e

de destruir. Mas, quando precisava, tornava-se convincente ao expor os argumentos com a sua fala mansa e uma clareza ímpar, como se tivesse engolido centenas de teorias durante todos os seus silêncios. A PIDE soltou-o em três dias.

Após a prisão, Eduardo ganhou uma habilidade adicional, além da fala mansa e convincente: a habilidade de desaparecer. E não voltou a dormir mais do que uma noite no mesmo lugar até ao momento em que a sua vida foi abalada por um evento inesperado.

O inverno estava no auge, fustigando Lisboa com uma chuva impiedosa como há muito não se via. Se Eduardo acreditasse nas teorias apocalípticas, poderia achar que o fim do mundo estava próximo. Mas não era o caso. Ele acreditava em poucas coisas e nenhuma delas era o fim do mundo.

Com frio e as roupas encharcadas refugiou-se no teatro — o único lugar aberto àquela hora da noite. Empurrou a porta e esgueirou-se para um canto escuro depois de subornar o porteiro. Avaliou a plateia. Reconheceu alguns representantes do governo sentados na primeira fila enquanto uma atriz, usando roupas masculinas, parodiava o General Franco. Ela estava se arriscando ao caricaturar o ditador espanhol, porque havia claras semelhanças entre os regimes ibéricos. Eduardo defendia que as ditaduras eram todas iguais: tiranas e cruéis. Não havia em toda a história humana registros de um único ditador que não tivesse as mãos manchadas de sangue inocente.



A cor e a textura de uma folha em branco é o livro de contos de Carlos Pessoa Rosa, premiado pela UBE/CEPE, em 1998. O autor é médico-escritor, poeta, contista, ensaísta, considerado entre os 20 melhores contistas pela Rádio Francesa Internacional. Publicou também "Sobre o nome dado", "Histórias que o povo conta, mas de seu jeito de contar" pelo Coletivo Dulcinéia Catadora, de São Paulo, e "Una Casa Bien Abierta", texto infantil, pela pequeno editor, de Buenos Aires. Tem trabalhos publicados em várias revistas literárias e coletâneas.

Para adquirir o livro: www.amazon.com

*whisner
fraga*

Uma série de vídeos nos quais o escritor lê trechos e comenta obras de diversos autores.

Inscreve-se e mergulhe no universo literário.  **zagreusw**

whisnerfraga.com.br



whisnerfragaescritor



whisnerfraga



Sérgio Pitaki

acupuntura

médica

Rua Padre Anchieta, 2050, 18o. and. conj. 1802. Champagnat - Curitiba - Paraná - CEP. 80730-000

Celular: (41) 99692-0070 - e-mail: sergiopitaki@gmail.com - Marcar consulta: doctoralia.com.br

Perigote

Marco Antonio Serafim

Querubim Rocha, 251844. Meu nome e minha cara vão comigo para todo lugar. Todo dia: atravessar a Praça XV desviando do cara que oferece táxi, a 100 metros, táxi, senhor, se espremer pra ver as páginas diárias das tragédias, gols e fofocas, avançar espremido entre a Assembleia Legislativa e o Paço e seguir a rua da Assembleia, onde as raízes brasileiras não respeitam as pedras portuguesas e os canteiros deformados deixam o assunto em aberto.

Crachá na mão no limite entre Assembleia e Carioca. Essa moça de cabelo preto, comprido desse jeito, se tivesse mais coragem chamava ela pra comer qualquer coisa que ela quisesse naquela padaria ali da Gonçalves Dias ou só para andar por aí. Se tivesse coragem e ela desse confiança. Mas nem uma nem outra coisa.

Cheque especial. O nome mais bonito que existe para a insolvência pessoal e intransferível. Minha sala fica do lado da agência. Apesar de gerente do banco, o sr. Luís é gente fina. Aquele “ô, mestre”, de mansinho pela sala, “aquele cheque bateu e voltou”. “O fundo da minha conta é emborrachado, seu Luís”. “Setenta reais, mestre”. Pois é.

Lá dentro era o de sempre: fones quebrados, mudos, surdos, caixas amplificadoras com má vontade, correr pra fazer pedido de suprimentos porque não sou burro.

“Burro é aquele que deixa acabar em vez de fazer um pedido de suprimentos quando as coisas estão no finalzinho”, um dos mandamentos do sr. Leopoldo Rossi, 1,45 m de altura. Tinha a cara vermelha feito alergia a camarão e o nariz era o vórtice da vermelhidão. Sentava ao fundo da sala, de onde enxergava os monitores de cada funcionário, ver se estavam vadiando na internet. Se deixar correr ninguém faz nada, ninguém quer nada.

“Vou pedir demissão, quero mais isso aqui pra mim não”, me disse uma tarde o Jonas, que não sabia disso, mas tiraria o primeiro lugar em um concurso de sócias do Canarinho da Praça é Nossa. E todo dia tinha supervisor reclamando que o equipamento não funciona, me deem uma solução. E todo dia era a falta de equipamento porque nem tudo vai e volta como deveria. E os operadores metiam migué sumindo com as pilhas. O sr. Rossi, líder, empreendedor, sábio, cacique, xamã, então, escala o Querubim aqui e o Jonas pra passar fita adesiva em todas, sim, todas as caixas amplificadoras dos cinco andares, umas mil e quinhentas no total. Óbvio que isso não resolveu. Então deu a ideia de furar uma por uma com o ferro de solda e passar pelos buraquinhos um pedacinho de cabo de aço. Ele contribuiu só com a ideia. Querubim

e Jonas contribuíram cheirando plástico derretido por uma semana. E quando o telefone tocava podiam ser só duas coisas: algo faltando ou com defeito. Cada vez que a gente ia nos andares de atendimento, na hora de voltar, o Jonas dizia, “segura aí, ninguém vai morrer, cada minuto naquela sala é o Camarão torrando a paciência, bora tomar um café porque esse nariz de batata não vai crescer mais não”. “O que tem a ver o meu nariz, Canarinho?”. “Café com batata, entendeu? Eu, hein, e vai se lascar antes que eu me esqueça”. Depois de uns vinte minutos morcegando no café a gente voltava pro 26°.

E logo vieram as eleições. Pra fazer parte da Comissão de Prevenção de Acidentes da empresa, a CoPrA.

— Pô, Canarinho, tu acha que é uma boa isso aí?, perguntei.

— Eu só não me inscrevo se me amarrarem e trancarem na expedição cheirando plástico derretido, e só não ganho se me roubarem. Dois anos de estabilidade. E Canarinho é o teu nome na tua vida pregressa na sodomia.

— Mas tu não queria sair daqui, Canarinho?

— Tu é burro? Esse pega-rapaz aí na tua testa tá te encolhendo o miolo? Estabilidade, morcegão! Ninguém pode me mandar embora se eu for eleito.

Nos inscrevemos. E também todas as centenas de funcionários dos outros andares. E o sr. Leopoldo.

Eram trinta candidatos, doze seriam eleitos; desses, metade seria suplente, porque acidentes acontecem até com a comissão que deveria preveni-los. Alguns supervisores e gerentes mais entusiasmados imprimiram suas caras nos santinhos que distribuía para os próprios funcionários (aguardando as candidaturas dos próprios funcionários). A vantagem de circular por todos os andares o dia inteiro, todos os dias, foi a tônica da minha campanha. E também a do Canarinho.

Nessa semana de campanha eleitoral, o RH fixou em cada mural de cada andar uma placa de isopor com as fotos, impressões coloridas (pedidos de toner aumentaram) dos trinta candidatos. O sr. Rossi estava na fila horizontal mais alta, tão vermelho na foto que dali da primeira banca do Largo da Carioca dava pra ver. Todos com aquela cara babaca de 3 por 4.

Apuraram os votos. Do nosso setor, um eleito. Eu, como suplente. Três reuniões para instruções e cursos, logo de cara, e um broche espetado com o símbolo da prevenção de acidentes no cordão do crachá.

O Jonas fez festa quando soube, mas depois do resultado aí mesmo que ele voava, morcegava pelos andares por quase horas. O sr. Rossi também não esperava o revés nas urnas e também fez festa quando soube, reuniu todo mundo e disse que nosso setor faria a manutenção dos fones, buscando

otimizar os custos. “Pró-atividade”. Agora havia no setor um alicate de crimpar para substituir os plugues quebrados por novos, o que reduzia bastante os custos da empresa com o envio e manutenção de fones.

— E pra cada fone que eu reduzo o custo eu levo quanto de bonificação, chefia? Porque eu acho que meu custo já é ótimo o suficiente pra empresa, não? — resmungou, rindo, o Jonas.

— Vou te dizer detalhadamente o que você leva. Um chute nesse teu rabo, folgado. Voa mais do que trabalha. Acha que eu não percebo? Um sujeito velho desses, devia criar juízo porque emprego não tá fácil, não.

O semblante dele de Canarinho tinha sumido em meio instante, ficou uma cara desbotada no lugar, um borrão. A Dalila deixou escapar um Ihh, baixinho. O Jonas logo voou

dali. Demorou, mas voltou com a cara habitual de Canarinho, dando a entender que menos um dia ali fora cumprido.

“Eu gostaria muito de saber se o filho da puta que fez isso vai se acusar!”, entrou de sola pela porta, mais camarão do que conseguira ser até então o sr. Leopoldo Rossi. Só estávamos eu, a Dalila e o Carlim, o gordinho de bigodinho fino da expedição. “Sacanearam a minha foto no cartaz das eleições e eu quero olhar na cara de quem fez isso”. Carlim foi o primeiro a dizer que estava indignado, que aquilo não se faz, que passaram dos limites — o vaselina sempre cola no mais forte. Teve o “ai, minha Nossa, seu Leopoldo, que horror” da Dalila, e eu tive que abafar o riso, mas isso sempre piora a vontade de rir. O telefone da

minha mesa tocou e fui lá.

— Batatinha, diga lá, tô no mar do Caribe com a patroa, quer que peça tua bebida agora ou tu pede quando chegar aqui?

Era o Jonas. Mas o barulho ao fundo não era de falatório de andar, era de rua. Emendei uma embromação qualquer de sim, vou até aí sim, com certeza, mas já tentou trocar as pilhas, pode ser que resolva, talvez mau contato, só indo aí mesmo então, qual o seu andar, por favor aguarde, etc, e acho que consegui disfarçar.

— Ah, Batata! Para de enrolação. Tô voando aqui pelas Lojas Americanas da Uruguaiana. Nem sei que horas volto — e desligou no meio da gargalhada.

Quase meio-dia. Quando o Leopoldo estava puto, ia almoçar mais cedo e voltava bem depois. Chefe

é chefe. A placa de isopor estava ali do lado da mesa dele, quebrada em dois pedaços. Tinha chifrões desproporcionais, feitos com pilot preta, pontudos, caninos de vampiro que iam além do queixo e bigodes dando voltas. Sobrancelhas de samurai puto. Em cima da foto, o nome riscado. No lugar, escrito marcando fundo o isopor, estava ali, entre aspas: “PERIGOTE”.

Segui usando o alicate de crimpar plugues RJ-45, de 8 vias, e recuperando centenas de fones para a operação. Talvez conseguisse recuperar milhares, em um mês, quem sabe? Custos otimizados. Talvez ganhasse algum elogio por e-mail. “Reduzir os custos é importante mesmo para a empresa”, pensei no corredor do 26º andar. O elevador chegou. Vazio. Que sorte.

Além do café delicioso e exclusivo, tem coisas que a turma da literatura adora

:: Conversa boa :: Biblioteca
 :: Sala para reuniões e aulas
 :: Wi-fi sem cadastros chatos
 :: Espaço para lançamento de livros
 :: Fácil de chegar e estacionar

 motoracercafeuritiba
 motoracercafe_



Rua Jacarezinho, 231 - Curitiba



Peter Burke

In: *A Cultura do Renascimento na Itália: Um Ensaio*, de Jacob Burckhardt (Companhia das Letras, 1990) Trad.: Sérgio Tellarolis.

Entre 1839 e 1842, [Jacob Burckhardt] estudou na Universidade de Berlim, onde frequentou cursos sobre história antiga, história da arquitetura e língua árabe, além de participar de seminários dirigidos pelo mais famoso historiador vivo de seu tempo, Leopold von Ranke, para quem escreveu um trabalho acerca de um tema ligado ao início da Idade Média: a façanha de Carlos Martel. Burckhardt não gostava de Ranke como pessoa, embora o admirasse como historiador. Cogitou publicar o trabalho sobre Carlos Martel e tornar-se um medievalista, mas acabou por decidir-se contrariamente a ambas as coisas. Suas visitas à Itália, a partir de 1837, e a amizade com um jovem catedrático, Franz Kugler, haviam-lhe inflamado o entusiasmo pela história cultural e pelos mundos clássico e renascentista.

Retornando à Basileia em 1843, Burckhardt obteve o título de doutor e começou a lecionar na universidade, ministrando cursos sobre temas os mais variados, dentre eles, história da pintura, a Idade Média, a Contrarreforma na Suíça e os imperadores romanos. De início, conjugou à atividade acadêmica a função de editor de um jornal conservador, o *Basler Zeitung*, função que lhe ocupava quatro a cinco horas diárias. Logo, porém, começou a sentir uma crescente antipatia pela política e, além dela, pelo "degradante ofício de jornalista", até que, em 1846, tendo o amigo Kugler lhe solicitado ajuda na preparação de uma segunda edição de seu célebre *Manual de história da arte*, Burckhardt abandonou o jornal a fim de poder dedicar mais tempo à pesquisa.